

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**VERÔNICA FERREIRA TEIXEIRA**

**MEMÓRIAS DA PRESENÇA FEMININA NA VILA OPERÁRIA PRÓSPERA –  
CRICIÚMA (1947-1985)**

**CRICIÚMA**

**2013**

**VERÔNICA FERREIRA TEIXEIRA**

**MEMÓRIAS DA PRESENÇA FEMININA NA VILA OPERÁRIA PRÓSPERA –  
CRICIÚMA (1947-1985)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para  
obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura no  
Curso de História da Universidade do Extremo Sul  
Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof<sup>(a)</sup> MSc. Lucy Cristina Ostetto

**CRICIÚMA**

**2013**

**VERÔNICA FERREIRA TEIXEIRA**

**MEMÓRIAS DA PRESENÇA FEMININA NA VILA OPERÁRIA PRÓSPERA –  
CRICIÚMA (1947-1985)**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharelado e Licenciatura, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História Temática.

Criciúma, 05 de Dezembro de 2013.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Lucy Cristina Ostetto – MSc – (UNESC) – Orientadora

---

Prof<sup>o</sup> Tiago da Silva Coelho – MSc – (UNESC) – Examinador

---

Prof<sup>a</sup> Elisangela da Silva Machieski – MSc – (UDESC) – Examinadora

**Dedico este trabalho a minha família, ao meu marido Douglas, e em especial as mulheres da Vila Operária Próspera.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte desta pesquisa, contribuindo com sugestões e informações, mas principalmente paciência e boa vontade ao me ajudar.

Quero agradecer à professora Lucy, pela paciência, dedicação e sabedoria que teve ao me orientar no desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço à minha família, em especial ao meu pai Carlos e a minha mãe Eni que sempre estiveram do meu lado em todos os momentos, me proporcionando através de muito trabalho e esforço a possibilidade de uma formação acadêmica. Mãe e pai sintam-se abraçados e eternamente agradecidos, por fazerem parte da minha vida!

Ao Douglas, que com muita paciência participou de cada etapa do desenvolvimento deste trabalho, seja durante as noites mal dormidas, ou na correria do dia a dia. Obrigada meu amor por entender os meus momentos de ausência, mau humor, estresse e de dúvidas, e por sempre estar comigo, nos momentos bons ou ruins.

Não posso deixar de agradecer as meninas do Curso de Pedagogia, que possibilitaram a realização das entrevistas orais. A Dona Norma e Dona Sônia, pessoas especiais que ficarão para sempre na minha memória.

Agradeço muito ainda as minhas três amadas colegas Gislaine, Paola e Suelen, que nesses quatro anos de universidade estiveram comigo, me auxiliando, apoiando e sempre me incentivando. Sem falar ainda nas risadas e nas conversas que fizeram a minha vida mais feliz. Espero que sejamos amigas unidas para sempre!

Enfim, agradeço a todos que sabem das dificuldades pelas quais passei, mas sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado, acreditando no meu potencial, e não me deixando desistir jamais.

**“Incorporar à história tensões sociais de cada dia implica a reconstrução da organização de sobrevivência de grupos marginalizados do poder e, às vezes, do próprio processo produtivo.”**

**Maria Odila Leite da Silva Dias**

## RESUMO

Criciúma é um município situado na região carbonífera Catarinense, localidade com grande concentração de jazidas de carvão mineral. Muito se tem escrito sobre as minas de carvão, a economia, a degradação ambiental e o processo de mecanização na atividade carbonífera. Mas o que sabemos sobre as memórias que contam sobre a presença feminina nas Vilas Operárias? Assim tem-se como problema perceber por meio das memórias o papel social, a relação existente entre homens e mulheres na Vila Operária, e ainda a presença feminina nas mais diversificadas práticas cotidianas. Numa perspectiva da História Cultural e de uma abordagem de Gênero, o objetivo desta pesquisa é problematizar a presença feminina no cotidiano da Vila Operária Próspera (1947-1985). Para tanto se fez uma pesquisa bibliográfica sobre a temática, e se teve como fonte as memórias de Dona Norma e Dona Sônia, por meio de entrevistas orais. Concluiu-se que as mulheres apesar de serem vistas na perspectiva de dona de casa, controladas pelo marido e pela comunidade, contribuíram com a atividade carbonífera, já que sua presença podia ser notada na organização e manutenção das famílias mineiras, no espaço da Vila Operária.

Palavras-chaves: Cotidiano. Gênero. Memória. Vila Operária.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 CRICIÚMA: APROXIMANDO O TEMA.....</b>	<b>17</b>
2.1 O CARVÃO TEM UMA HISTÓRIA.....	19
2.2 CRICIÚMA: A CONSTRUÇÃO DA CAPITAL DO CARVÃO.....	20
<b>3 VILAS OPERÁRIAS: DO TRABALHO AO ESPAÇO DOMÉSTICO.....</b>	<b>24</b>
3.1 VILA OPERÁRIA DA EUROPA – VILA DE SALTAIRE.....	27
3.2 VILAS OPERÁRIAS DO BRASIL – VILA MARIA ZÉLIA.....	29
3.3 VILAS OPERÁRIAS DA REGIÃO CARBONÍFERA DE SANTA CATARINA.....	32
3.4 VILA OPERÁRIA PRÓSPERA – MUNICÍPIO DE CRICIÚMA.....	34
<b>4 UMA OUTRA VILA OPERÁRIA PRÓSPERA: PELAS MEMÓRIAS FEMININAS</b> <b>.....</b>	<b>38</b>
4.1 APRESENTANDO AS NARRADORAS.....	38
4.2 O QUE ELAS FALAM SOBRE A VILA OPERÁRIA PRÓSPERA.....	39
4.3 ELAS LEMBRAM DOS NAMOROS E DOS CASAMENTOS.....	47
4.4 ELAS ERAM ESCOLHEDEIRAS, ALMOCEIRAS E DONAS DE CASA.....	50
4.5 ELAS FALAM SOBRE A PRESENÇA DOS HOMENS, DAS MULHERES E DAS CRIANÇAS.....	54
4.6 ELAS FALAM DOS CÓDIGOS SOCIAIS.....	57
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>62</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A história do carvão liga-se ao processo de modernização, impulsionado a partir da Revolução Industrial no século XVIII, devido os avanços que possibilitou às técnicas de produção, com o aparecimento de máquinas modernas, e com a melhoria marcante na obtenção e no trabalho de novas matérias-primas. Porém, ao mesmo tempo em que incentivou e deu forma ao capitalismo, a utilização do carvão na produção em grande escala desencadeou inúmeros malefícios ao meio ambiente e à saúde das pessoas, ou seja, ao ser queimado o carvão provoca a poluição no ar, que cada dia mais vem provocando danos irreversíveis ao planeta. Nessa perspectiva, entende-se que o carvão ao mesmo tempo em que favorece a economia de algumas indústrias, também é prejudicial ao meio ambiente, e à vida das pessoas.

No Brasil, as principais ocorrências de carvão mineral localizam-se na Região Sul e se estendem desde São Paulo, passando pelos Estados do Paraná e Santa Catarina, até o Rio Grande do Sul.<sup>1</sup> Na região sul de Santa Catarina, onde a exploração efetiva de carvão teve início em 1883, o carvão é fundamental para que se possa compreender a história dessa região, onde importantes centros de mineração se desenvolveram nos municípios de Lauro Müller, Urussanga, Siderópolis, Treviso, Criciúma, Forquilha, Içara, Morro da Fumaça e Maracajá.

A partir da exploração do carvão, ocorreram transformações na paisagem geográfica e social da região, criando-se assim uma estrutura urbano-industrial sobre o tradicional espaço rural, tornando a atividade carbonífera a principal referência econômica e política da região entre os anos 1940 e 1985.

Entre os elementos marcantes dessa região carbonífera, a análise ocorrerá a cerca das memórias da presença feminina na Vila Operária Próspera, entre os anos de 1947 e 1985, temporalidade essa que foi escolhida a partir da trajetória das entrevistas durante a pesquisa, em relação à temática analisada.

Devido à invisibilidade da presença feminina na historiografia regional, o que se sabe sobre as memórias que contam a respeito da presença feminina nas Vilas Operárias? Sendo assim, pretende-se com essa pesquisa perceber por meio das memórias o papel social, a relação existente entre homens e mulheres na Vila Operária, e ainda a presença feminina nas mais diversificadas práticas cotidianas.

---

<sup>1</sup> BELOLLI, Mário; QUADROS, Joice; GUIDI, Ayser. **A História do Carvão de Santa Catarina**. Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002, p. 13.

Numa perspectiva da História Cultural e de uma abordagem de Gênero, o objetivo desta pesquisa é problematizar a presença feminina no cotidiano da Vila Operária Próspera (1947-1985), valorizando assim essas memórias como forma de registrar a História do município de Criciúma.

Entre as bibliografias utilizadas para a construção e fundamentação da presente pesquisa, foram utilizadas obras de autores que seguem a linha da História Cultural, ou Nova História, e que tratam de temas como: cotidiano, gênero e memória. Assim, pretende-se descrever a Vila Operária não somente como um espaço organizado pelo capitalismo, como solução para o problema habitacional da classe trabalhadora, ou como estratégia de imobilização desses trabalhadores, mas sim a partir de uma abordagem cultural que perceba tanto as relações entre o espaço das minas como no espaço doméstico.

Entende-se por Nova História, a corrente historiográfica que surgiu nos anos 1970, correspondente à terceira geração da Escola dos Annales, e que deixou sua marca bem notável na historiografia. De acordo com Peter Burke: "Os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a Nova História está mais preocupada com a análise das estruturas."<sup>2</sup> Ou seja, a Nova História estuda épocas e suas estruturas particulares, rejeita a composição da história como narrativa, e a utilização dos documentos oficiais como fonte básica, considerando assim as motivações e intenções individuais como elementos explicativos para os eventos históricos. A partir desta perspectiva intensificaram-se os estudos de temas como a família, as mulheres, os significados dos gestos cotidianos, e o poder em outros espaços, como o privado e do cotidiano. Portanto, é possível reconhecer que:

Se antes as preocupações dos historiadores se restringiam ao estudo da macropolítica, as resistências miúdas e quase invisíveis do cotidiano passaram, com a Nova História, a ser objeto legítimo de pesquisa, e muitos personagens antes ocultos – porque não participavam diretamente dos aspectos da vida pública – passaram a ter suas vozes e gestos reconstituídos. Mulheres, prisioneiros, loucos, marginais e muitos outros “esquecidos” podiam enfim ter sua história contada.<sup>3</sup>

Para a Nova História Cultural, o principal objetivo é identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social foi construída e pensada, criando figuras e dando sentido ao presente.

<sup>2</sup> BURKE, Peter (org). **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1992, p. 12.

<sup>3</sup> SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 76.

Lynn Hunt, em sua obra *A Nova História Cultural*<sup>4</sup>, analisa que além dos historiadores da terceira e quarta geração dos Annales, o interesse pelas práticas simbólicas foi também enfatizado por autores marxistas, antropólogos, críticos literários e filósofos, que por meio de suas obras apontaram que as relações econômicas e sociais não são anteriores às culturais, e nem as determinam, mas que também são campos de produções culturais.

A pesquisa ao ser embasada teoricamente pela Nova História tem como estratégias de investigação: entrevistas com duas moradoras do Bairro Próspera, em que as informações apresentadas serão articuladas e confrontadas com a categoria de história oral temática abordada pelo autor José Carlos Sebe Bom Meihy<sup>5</sup>; pesquisas bibliográficas na biblioteca da Universidade; e pesquisas de campo no CEDOC (Centro de Documentação) localizada no Bairro Rio Maina, a fim de se buscar imagens referentes à Vila Operária Próspera, mostrando algumas das atividades desenvolvidas nesse espaço em seu cotidiano (festas, igreja, reuniões, casamentos, entre outras).

Entende-se por cotidiano o dia a dia, algo que envolve monotonia e repetição. Sabe-se que esse tema ganhou espaço nas ciências humanas após um intenso exercício de inquietação, que não aceitava somente as grandes teorias sociais, e que foi estimulado pelas próprias experiências históricas mais recentes, nas quais a cultura passou a ser vista como propulsora de significativas transformações sociais. Nas palavras de Agnes Heller:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.<sup>6</sup>

Nessa perspectiva, pode-se considerar o cotidiano como as práticas e relações de trabalho, lazer, resistência, religiosidade, visões sobre a vida e a morte, modos de falar, morar, de se organizar, vestir, ou seja, está presente na vivência do dia a dia e representa o homem e a mulher, sua essência, suas convicções e sua personalidade, que certamente são desenvolvidos a partir da interação que o indivíduo tem com o meio em que está inserido. Sendo assim, é preciso abordar o cotidiano em sua íntima relação com as questões culturais, sociais, econômicas e políticas de cada época e sociedade<sup>7</sup>, provocando ainda uma constante

<sup>4</sup> HUNT, Lynn. (Org.) **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 317 p.

<sup>5</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 1998. 86 p.

<sup>6</sup> HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra Filosofia, 1992, p. 17.

<sup>7</sup> SILVA, 2009, op. cit., p. 78.

abertura para a reflexão, debate e pesquisa em torno dessa temática, para que possam surgir novos questionamentos e conhecimentos.

Quanto ao conceito de gênero, sabe-se que essa categoria tem uma história que se inicia com o movimento feminista, nas décadas de 1960 e 1970, já que essa luta política percebeu a importância de se elaborar uma História das mulheres, a partir de explicações referentes à subordinação feminina e até mesmo a resistência e luta de muitas mulheres ao longo da história, visto que essa construção do passado era um ato político fundamental para a afirmação do movimento no presente. Logo, foram às próprias mulheres ligadas ao movimento que iniciaram a história feminina, paralelamente com a história dos homens. Mas, devido às mudanças que ocorreram nos últimos anos da década de 1970, em torno da concepção de História e do movimento feminista, a produção historiográfica ocidental se afastou da política, dando maior legitimidade acadêmica ao saber histórico produzido pelas mulheres, fazendo surgir nesse momento à categoria de gênero na década de 80, desvinculada da ideologia feminista.

Historicamente, o conceito de gênero surgiu para se contrapor a uma visão que enfatizava as diferenças biológicas, ou sexuais, entre homens e mulheres, que acabava *naturalizando* a dominação masculina. A nova categoria veio enfatizar que a natureza não explica, e muito menos determina, a relação entre os sexos. São os componentes sociais e culturais que interferem mais decisivamente na maneira pela qual os gêneros se relacionam, não havendo papéis fixos para homens e mulheres em nenhuma esfera social.<sup>8</sup>

Até a década de 1980, existia uma grande dualidade entre o sexo e gênero, sendo o primeiro para o biológico/natural e o segundo para o sociocultural. Uma das militantes feministas que mais abalou essa concepção foi Joan Scott, que trouxe novas perspectivas para os estudos da categoria de gênero, ao defender a ideia de que o conhecimento histórico não é só um simples registro das mudanças nas organizações sociais ao longo do tempo, mas também um instrumento que participa da produção do saber sobre estas organizações, inclusive na produção do saber sobre a diferença sexual.<sup>9</sup> Sendo assim:

As relações entre os sexos são construídas socialmente, como já havia sido sinalizado por outras teóricas, porém, para ela isso ainda diz pouco, pois não explica como estas relações são construídas e porque são construídas de forma desigual privilegiando o sujeito masculino; não diz como funcionam ou mesmo como

<sup>8</sup> SILVA, 2009, op. cit., p. 166.

<sup>9</sup> SIQUEIRA, Tatiana Lima. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. **Revista Artémis**, João Pessoa, v. 8, p. 110-117, jun. 2008.

mudam, assim chega à conclusão que só essa constatação, não tem força suficiente para integrar ou mudar os paradigmas históricos existentes.<sup>10</sup>

Em suma, através da concepção de Joan Scott quanto ao gênero, pode-se compreender que é uma percepção sobre as diferenças sexuais, nas quais essas são hierarquizadas dentro de uma maneira de pensar. A autora não nega que existam diferenças entre os corpos sexuados, porém, o que interessa de fato é perceber as formas como se constroem significados culturais para essas diferenças, que sentidos essas possuem, e de que maneira se posicionam e se constroem dentro das relações hierárquicas, de poder, dominação e subordinação.

A memória por sua vez, é a capacidade individual e coletiva de adquirir, armazenar e recuperar informações e fatos obtidos através de experiências vividas ou ouvidas, recuperando ainda o que está submerso. A memória coletiva gira em torno, quase sempre, de lembranças do cotidiano do grupo, fundamentando a sua própria identidade, e ainda além de datas se baseia em imagens e paisagens, reelaborando constantemente os fatos.<sup>11</sup> Em relação à memória coletiva, Halbwachs afirma que:

As memórias são construídas por grupos sociais. São os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é “memorável”, e também como será lembrado. Os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para seu grupo. “Lembram” muito o que não viveram diretamente. Um artigo de noticiário, por exemplo, às vezes se torna parte da vida de uma pessoa. Daí, pode-se descrever a memória como uma reconstrução do passado.<sup>12</sup>

Esta pesquisa é composta por três capítulos. No primeiro capítulo, “Criciúma: Aproximando o tema” será apresentada brevemente a história do município, por meio de subtítulos como: “O carvão tem uma História” e “Criciúma: a construção da Capital do Carvão”, a fim de analisar as transformações que ocorreram na cidade devido à colonização e ainda por meio da exploração e ideologia do carvão.

No segundo capítulo, “Vilas Operárias: do trabalho ao espaço doméstico”, e por meio de seus subtítulos: “Vila Operária da Europa – Vila de Saltaire”, “Vilas Operárias do Brasil – Vila Maria Zélia”, “Vilas Operárias de Santa Catarina”, e “Vila Operária Próspera – Município de Criciúma”, será analisado o termo Vila Operária, a fim de se compreender esse

<sup>10</sup> SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil para Análise Histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, 1990, p. 11-12.

<sup>11</sup> SILVA, 2009, op. cit., p. 276.

<sup>12</sup> HALBWACHS apud BURKE, Peter. **Variiedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 70.

espaço, como e em qual contexto social surgiu, fazendo-se assim uma discussão e contextualização entre as Vilas Operárias existentes na Europa, Brasil e no município de Criciúma.

No terceiro capítulo: “Uma Outra Vila Operária Próspera: Pelas Memórias Femininas”, será analisada a partir de imagens e principalmente de entrevistas o respectivo cotidiano da Vila Operária mineira, problematizando principalmente a presença feminina. Essas entrevistas foram realizadas com duas mulheres que são antigas moradoras do Bairro Próspera do período estabelecido, porém nasceram e vivenciaram o cotidiano da Vila Operária em momentos diferenciados, possibilitando assim confrontar as ideias, e ainda perceber as mudanças que ocorreram ao longo dos anos, não somente na cidade, mas também nos paradigmas que norteavam as perspectivas dos moradores. Para tal finalidade o capítulo foi dividido em subtítulos, sendo esses: “Apresentando as Narradoras”, “O que elas falam sobre a Vila Operária Próspera?”, “Elas lembram dos namoros e dos casamentos”, “Elas era escolheiras, almoceiras e donas de casa”, “Elas falam sobre a presença dos homens, das mulheres e das crianças”, e “elas falam dos códigos sociais”.

Essas duas entrevistas foram o ponto crucial da pesquisa, uma vez que as mulheres, antigas moradoras, através de suas próprias memórias, ressaltando a importância da presença feminina na Vila Operária, e a relação com os homens a partir de suas lembranças, dando assim maior visibilidade as mulheres da Vila Operária Próspera.

Sendo assim, a leitura dessa pesquisa faz-se indispensável, para o conhecimento da história do município de Criciúma, já que apresenta a presença feminina em uma outra perspectiva, participando tanto como o homem na economia da atividade carbonífera.

## 2 CRICIÚMA: APROXIMANDO O TEMA

Criciúma é um município brasileiro da Região Sul, que se localiza no estado de Santa Catarina. Ao norte limita-se com os municípios de Siderópolis, Cocal do Sul e Morro da Fumaça, ao sul com Araranguá e Maracajá, e ao leste com Nova Veneza e Forquilha. Trata-se de um território que vivenciou um longo processo de ocupação, iniciada pelos índios Carijós e Xogleng, mas que segundo o autor Dorval do Nascimento:

Era, entretanto, uma área considerada pelas autoridades públicas como sendo natural e vazia, já que não havia sido habitada por homens brancos, e a presença indígena era desconsiderada como indício de civilização, estando afeita ao reino da natureza.<sup>13</sup>

Sendo assim, a partir de 1875 acelerou-se o ciclo de imigração europeia financiada pelo governo imperial para a região, ou seja, a área territorial existente no sul do país começou a receber imigrantes, de origem italiana, e em menor proporção, de origem alemã, polonesa, austríaca, árabe, africana, eslava e espanhol.<sup>14</sup> Esses ao serem encorajados pelas inúmeras propagandas do governo decidiram partir para a América, visto que era um lugar onde se fazia riqueza com facilidade. Dessa forma,

A ocupação efetiva da área geográfica que hoje constitui a cidade de Criciúma se deu a 6 de janeiro de 1880, quando 31 famílias, totalizando 139 pessoas, oriundas de Veneza (Beluno e Treviso – Itália), aí se estabeleceram e levantaram suas casas. Iniciaram suas atividades com os trabalhos de derrubada da mata, construção das moradias, plantio de hortaliças e, logo a seguir, com o preparo das terras para a agricultura, que seria, durante os 30 anos iniciais, a principal atividade econômica da colônia.<sup>15</sup>

Somente a partir de 1890 chegaram as primeiras famílias de alemães, poloneses e descendentes de portugueses vindos da região de Laguna.

Nesse primeiro momento, a Colônia pertencia ao distrito de Araranguá, que nesse mesmo ano foi elevado à categoria de Município. Somente em 04 de Novembro de 1925, a partir do crescimento e organização de sua população foi criado o município de Cresciúma, ficando assim independente de Araranguá.

<sup>13</sup> NASCIMENTO, Dorval do. Agricultura e Mineração na Formação do Espaço Urbano de Criciúma. In: FILHO, Alcides Goularti (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004, p. 385.

<sup>14</sup> GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007, p. 72.

<sup>15</sup> VOLPATO, Terezinha Gascho. **A Pirita Humana: os mineiros de Criciúma**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984, p. 30.

Segundo Dorval do Nascimento, o núcleo colonial que deu origem ao município de Criciúma passou a existir inicialmente a partir da demarcação de lotes coloniais que tiveram por base os Rios Criciúma e Sangão.<sup>16</sup> Essas terras foram, a princípio, ocupadas pelas 31 famílias, compostas de 139 pessoas, que apesar de terem certa ajuda do Governo, quanto aos títulos dos lotes que receberam por meio do Serviço de Imigração, e da doação de sementes, ao chegarem à região passaram por inúmeras dificuldades, como: ataques indígenas, ataques de animais selvagens, doenças, epidemias, enchentes, ou seja, precisaram criar meios de sobreviver numa região bastante diferente daquela em que viviam na Europa. Assim entende-se que:

Em termos de riqueza material, as famílias europeias que se fixaram na região, no final do século XIX, trouxeram muito pouco ou praticamente nada. Todavia, na bagagem cultural trouxeram suas experiências de vida, na agricultura, no comércio, criação de animais, abertura de estradas, construção de casas, etc. No campo da saúde, os colonos tinham experiência em medicina caseira, práticas de cura e de parto. Em pouco tempo surgiram, em torno dos núcleos coloniais, instituições como igrejas, congregações religiosas, escolas, comércio, pequenas indústrias, associações de ajuda mútua, entre outras.<sup>17</sup>

Dessa forma, pode-se constatar que embora tenha sido bastante difícil o contato inicial dos imigrantes com a região sul de Santa Catarina, esses não fizeram uso de seus conhecimentos e dos recursos existentes na região para organizar o núcleo colonial, assim construíram casas, estradas e escolas, e tiveram a agricultura como a principal atividade econômica, criando ainda um elo entre os seus países de origem e a sua nova moradia, através da religião, das festas, música, dança, ou seja, de sua cultura. E dessa forma, quase não há espaço na historiografia oficial para a importância e participação dos indígenas, uma vez que os imigrantes construíram o seu território ao mesmo tempo em que destruíram o território indígena<sup>18</sup>, por meio da violência e do etnocídio contra os indígenas, por parte dos colonizadores.

Contudo, percebe-se na história da região um elemento de grande destaque, que diferentemente de indígenas e imigrantes, é encontrado em documentos oficiais e livros acadêmicos como o real propulsor do progresso e da modernização do município, sendo ainda descrito por muitos como parte fundamental da história da cidade de Criciúma. Trata-se da extração do carvão, ou melhor dizendo, do “ouro negro”, que é apresentado pela historiografia

<sup>16</sup> NASCIMENTO, 2004, op. cit., p. 386.

<sup>17</sup> CAROLA, Carlos Renato. **Assistência Médica, Saúde Pública e o Processo Modernizador da Região Carbonífera de Santa Catarina (1930-1963)**. 2004. 358 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 99.

<sup>18</sup> NASCIMENTO, 2004, op. cit., p. 386.



oficial como a maior riqueza do município, e quase nunca apresentado como um problema da degradação ambiental da região sul.

## 2.1 O CARVÃO TEM UMA HISTÓRIA

O carvão mineral é uma rocha sedimentar de origem fóssil, que é formada a partir da sedimentação de resíduos orgânicos, e que é encontrado em jazidas localizadas no subsolo terrestre. Para a história contemporânea o carvão foi de extrema importância, no que diz respeito ao processo de modernização das indústrias, uma vez que possibilitou avanços às técnicas de produção, por meio do aparecimento de máquinas produtoras mais desenvolvidas, a partir da Revolução Industrial do século XVIII.

O conhecimento da existência de carvão de pedra no Brasil data do início do século passado<sup>19</sup>, sendo que em 1825 o naturalista Friedrich examinou o carvão do Rio Grande do Sul, e em 1832 fez o mesmo com o carvão catarinense. Porém,

A exploração efetiva de carvão teve início a partir em 1883, quando o governo imperial autorizou a companhia inglesa The Tubarão Coal Mining Company Limited a iniciar o processo de exploração da região onde atualmente está localizado o município de Lauro Müller, no Sul do Estado. A solicitação de concessão de lavra foi feita pelo Visconde de Barbacena que, por sua vez, atraiu os industriais ingleses para investir na exploração de um minério que significava, na época, uma garantia de riqueza e prosperidade. Em 1860, o Visconde de Barbacena pediu permissão oficial para construir uma estrada de ferro no território catarinense, iniciada em 1880 e inaugurada em 1884, com o nome de Dona Tereza Cristina Rail Way Company Limited. A estrada de ferro foi construída pela James Perry & Company e ligava as minas da região de Lauro Müller até os portos de Laguna e Imbituba.<sup>20</sup>

Nessa perspectiva, e a partir dessa exploração, o carvão é apresentado pela historiografia oficial como a parte fundamental da história da Região Sul de Santa Catarina, já que foi aonde importantes centros de mineração se firmaram nos municípios de Lauro Müller, Urussanga, Siderópolis, Treviso, Criciúma, Forquilha, Içara, Morro da Fumaça e Maracajá.

Em Criciúma, a primeira jazida de carvão foi encontrada em 1913, porém vários estudos anteriores já haviam sido feitos, comprovando a sua existência na região. Assim a exploração e transporte do carvão por vias férreas, até Imbituba, iniciam na década de 1920.

---

<sup>19</sup> VOLPATO, 1984, op. cit., p. 32.

<sup>20</sup> CAROLA, 2004, op. cit., p. 117.

## 2.2 CRICIÚMA: A CONSTRUÇÃO DA CAPITAL DO CARVÃO

“Na Criciúma de ontem, o que contava, o que pesava, o que influía e decidia era a indústria carbonífera.”<sup>21</sup> Mas, “A cidade é maior que a fábrica e a mina e não se reduz ao espaço de consumo e lazer.”<sup>22</sup>

O município de Criciúma situa-se na região carbonífera Catarinense, ou seja, em uma região com grande concentração de jazidas de carvão mineral. Assim como outros municípios da região está integrada a AMREC (Associação dos Municípios da Região Carbonífera), fundada em 25 de Abril de 1983, com sete, e que hoje já conta com doze municípios, sendo eles: Criciúma (sede), Içara, Lauro Müller, Morro da Fumaça, Nova Veneza, Siderópolis, Urussanga, Forquilha, Cocal do Sul, Treviso, Orleans e Balneário Rincão. Essa associação, entre as suas finalidades, visa principalmente ampliar e fortalecer a capacidade administrativa, econômica e social desses municípios.



Figura 01 – Municípios da associação AMREC<sup>23</sup>

<sup>21</sup> ZACHARIAS apud CAROLA, Carlos Renato. **Assistência Médica, Saúde Pública e o Processo Modernizador da Região Carbonífera de Santa Catarina (1930-1963)**. 2004. 358 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 124.

<sup>22</sup> TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Insular, 1996, p. 11.

<sup>23</sup> AMREC (Associação dos Municípios da Região Carbonífera). Disponível em < <http://www.amrec.com.br/municipios/index.php#>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

A partir da descoberta e exploração do carvão, ocorreram mudanças drásticas na paisagem geográfica e social dessa região, criando-se assim uma estrutura urbano-industrial sobre o tradicional espaço rural, tornando a atividade carbonífera a principal referência econômica e política da região, entre os anos de 1940 e 1985. Ou seja, deslocou-se o centro das atenções para a economia e ideologia do carvão, do progresso, da modernidade, riqueza e prosperidade<sup>24</sup>, fazendo assim com que se omitisse a presença e a contribuição da família agrícola para o desenvolvimento da região. De acordo com Carlos Renato Carola:

A ideologia do progresso e da modernidade, as minas de carvão e a arquitetura da mineração, a ferrovia, o processo migratório, a concentração urbana, a formação da classe operária mineira, os sindicatos, as greves, as vilas operárias, os monumentos da memória oficial, os estádios de futebol e os times das companhias carboníferas, a poluição provocada pelos depósitos perigosos e o peculiar odor dos gases sulfurosos proveniente do processo de combustão da pirita, entre outros aspectos, formavam as características predominantes da região carbonífera de Santa Catarina.<sup>25</sup>

A exploração do carvão na região carbonífera Catarinense passou por um longo processo, que vai desde a descoberta do minério até a sua efetivação, ou seja, o momento em que começou a ser explorado e visto como importante tanto para a economia do estado, como para o país.

Acredita-se que a supervalorização do carvão catarinense tenha iniciado devido a Primeira Guerra Mundial, já que a importação do carvão estrangeiro sofreu uma queda considerável, uma vez que o carvão era de extrema necessidade para a indústria bélica, bastante utilizada nesse período. A partir daí, aumentou a preocupação do governo brasileiro em buscar uma fonte de energia interna que substituísse o carvão importado.<sup>26</sup> Nesse contexto, apareceram intelectuais e empresários tanto a favor como contra a exploração do carvão catarinense, fazendo surgir inúmeras discussões e debates no Governo, a fim de que se pudesse comprovar por meio de experiências a mesma qualidade do minério nacional, àquela existente no carvão estrangeiro. Assim que confirmada essa mesma qualidade, o carvão catarinense apareceu no cenário nacional, visto como uma solução para a ameaça de falta de combustível no Brasil.

<sup>24</sup> Informações formuladas a partir da leitura dos livros: BELOLLI, Mário; QUADROS, Joice; GUIDI, Ayser. **A História do Carvão de Santa Catarina**. Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.; GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

<sup>25</sup> CAROLA, Carlos Renato. Modernização, Cultura e Ideologia do Carvão em Santa Catarina. In: FILHO, Alcides Goularti (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004, p. 11.

<sup>26</sup> BERNARDO, Roseli Terezinha. O Carvão Nacional: do Discurso Formado à Ação Concretizada, 1880-1930. In: FILHO, Alcides Goularti (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004, p. 63.

A Segunda Guerra Mundial, assim como a primeira proporciona que a utilização do carvão nacional, existente em grande escala no estado de Santa Catarina, sirva como suporte para o país, evitando a ocorrência os efeitos negativos que a falta de carvão causaria para o contexto social da nação. E foi justamente durante esses dois importantes acontecimentos históricos, e com as leis e ações protecionistas do Governo sobre o carvão nacional, que inúmeros investidores, e empreiteiras tanto brasileiras como estrangeiras se propuseram a investir nessa rentável atividade econômica. Tratava-se de uma mineração realizada inicialmente de forma artesanal, sem grandes tecnologias, que ao decorrer do tempo foram sendo renovadas e modernizadas. Quanto às minas Dorval afirma que:

As primeiras minas abertas na localidade foram as da Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá – CBCA na localidade de Santo Antônio, em 1916, e da Companhia Próspera, por volta de 1920. [...]

A mineração do carvão, nesse momento inicial, concentrou-se em torno do morro Cechinel, localizado ao norte do atual centro da cidade. Surgiram uma série de minas de menor porte, além das duas minas maiores, nas encostas do morro Cechinel, nas proximidades do centro, como a Mina Brasil, a Mina do Bainha, entre outras.<sup>27</sup>

Obviamente, que nem sempre a exploração do carvão na região, ocorreu de forma tranquila e sempre na perspectiva de lucro certo, pois do contrário os mineradores não precisariam estar em uma constante discussão com o Governo, a fim de proteger e provar a importância da indústria carbonífera para o bom andamento da economia nacional e para o próprio bem estar da população.

Porém, mesmo com essa constante batalha do carvão, a economia carbonífera instalou durante os anos, uma crescente urbanização na região, ou seja, significativas mudanças que fizeram com que cada vez mais o carvão fosse visto como o sinônimo de progresso. Entre essa urbanização, pode-se destacar: o aumento da população, já que muitas pessoas interessadas em trabalhar nas minas saíam de suas cidades e iam tentar a sorte em Criciúma, fazendo assim com que as carboníferas construíssem vilas operárias, que por muito tempo foram elementos marcantes na paisagem de Criciúma. Destaca-se ainda a ferrovia, que além de servir para o transporte do carvão, também proporcionou grande importância na vida cotidiana dos habitantes,<sup>28</sup> já que era uma forma de comunicação entre as cidades, transporte

<sup>27</sup> NASCIMENTO, 2004, op. cit., p. 388-389.

<sup>28</sup> NASCIMENTO, Dorval do. Ferrovia e Carvão: A Ferrovia Teresa Cristina no Sul do Estado de Santa Catarina. In: FILHO, Alcides Goularti (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004, p. 360.

de pessoas, mercadorias, novidades, proporcionando ainda à região prestígio. Sendo assim,

A urucubaca estava nos prejuízos aos negócios e contratempos para a vida cotidiana com a paralisação da ferrovia, mas também no mau presságio que isso representava, como uma maldição que condenaria a cidade ao esquecimento e ao isolamento do mundo.<sup>29</sup>

Entretanto, mesmo com essa modernização, a cidade também começou a vivenciar os problemas que esse aumento populacional causou, como: violência, mendigos pelas ruas, desocupados, poluição, entre outras dificuldades que são típicas de grandes cidades urbanizadas.

A historiografia oficial, certamente descreve o carvão como a pedra fundamental e propulsora do progresso para o município de Criciúma e região Catarinense por muitos anos, visto que proporcionou um grande desenvolvimento para a cidade, o fazendo ser reconhecida nacionalmente como a Capital Brasileira do Carvão a partir de 1946. Porém, poucos são os autores que apresentam uma visão negativa quanto à exploração do carvão, ou ainda destacam a importância dos mineiros para a atividade carbonífera, e assim o desenvolvimento da região carbonífera.

Ao serem embasados pela ideologia capitalista e do progresso, os livros escritos a respeito da história do município somente apontam os pontos positivos da mineração, enaltecendo o desenvolvimento urbano e econômico que essa atividade proporcionou, esquecendo-se assim dos aspectos ambientais e sociais, que também sofreram enormes transformações. No entanto,

O carvão, considerado “a pedra fundamental do progresso” (com as devidas consequências – positivas e negativas – resultantes desse “progresso” como vimos anteriormente) foi, indiscutivelmente, o setor responsável para projetar Criciúma no cenário nacional.<sup>30</sup>

Assim, entre o que vai constituir a região carbonífera, destaca-se uma arquitetura de mineração, minas, ferrovia, centros recreativos, pirita, mudanças ambientais, degradação ambiental, greves, sindicatos, entre outras facetas, que fizeram e fazem parte da história do município de Criciúma como também as Vilas Operárias, que serão problematizadas no capítulo a seguir...

<sup>29</sup> NASCIMENTO, 2004, op. cit., p. 362.

<sup>30</sup> TEIXEIRA, 1996, op. cit., p. 11.

### 3 VILAS OPERÁRIAS: DO TRABALHO AO ESPAÇO DOMÉSTICO

É importante lembrar que as Vilas Operárias não são especificamente do município de Criciúma, elas se vinculam ao mundo do trabalho. Assim as primeiras Vilas Operárias surgiram na Europa em meados do século XIX, em meio a um processo de proletarização dos trabalhadores rurais e de início do sistema fabril, ou seja, em meio ao processo de industrialização, e constitui etapa da formação do operariado<sup>31</sup>, ocorrido a partir da Revolução Industrial que teve início no século XVIII, na Inglaterra.

As mudanças provocadas pela Revolução Industrial não se limitaram apenas à de um sistema fabril mecanizado, que possibilitasse a produção em grande escala, a um custo cada vez menor, criando assim seu próprio mercado, mas também transformaram as relações de trabalho, de interação entre as pessoas, intensificaram o ritmo de vida, e influenciaram diretamente no aumento da urbanização, no crescimento populacional, na transferência de mão de obra, criando ainda uma dependência do ser humano em relação às máquinas.

Antes mesmo da Revolução Industrial, já se podia notar na Inglaterra o início de uma expansão das cidades, sendo essa a única sociedade efetivamente industrializada, mesmo que houvesse competidores, como a França, os Estados Unidos e a Alemanha. Isso se deve ao fato, de que:

A agricultura, com exceção da Inglaterra, permanecia tradicional e rotineira. Significa que, na maior parte do mundo, as depressões econômicas estavam ainda sujeitas a movimentos caprichosos das boas ou más colheitas, à insuficiência e morosidade dos meios de transporte, com a maioria da população vivendo do trabalho da terra.<sup>32</sup>

Os cercamentos mesmo sendo um sucesso em termos de progresso agrícola, em termos de sofrimento humano foram uma tragédia, já que os camponeses pobres se reduziram a uma massa destruída e desmoralizada, ainda mais depois que o Parlamento propôs algumas leis, e transferiu a grande parte de mão de obra do campo para a cidade. A partir daí as indústrias passaram aceitar essa mão de obra desqualificada, tendo em vista a necessária adaptação da sociedade ao novo curso revolucionário.<sup>33</sup>

Os trabalhadores por sua vez, foram submetidos a um novo ritmo, diferente daquele do trabalho agrícola, que era regido pela época do plantio e da colheita, com o tempo marcado pelas estações, e ainda diferente do trabalho das oficinas domésticas, por isso muitas vezes

<sup>31</sup> TEIXEIRA, 1996, op. cit., p. 30.

<sup>32</sup> CANÊDO, Letícia Bicalho. **A Revolução Industrial**. 13. ed. São Paulo: Atual, 2009. p. 72.

<sup>33</sup> Ibid., p. 58.

sofriam multas ou castigos por parte dos empregadores, que viam esses métodos como alternativas de “disciplinar” essa nova mão de obra. Assim os trabalhadores tinham,

Uma vida urbana impregnada de fumaças e imundícies, sem serviços públicos básicos, repleta de doenças respiratórias ou intestinais, que eliminou as festas, os passeios e os jardins, transformando os operários em pálidas massas amarelas.<sup>34</sup>

No entanto, apesar de contribuir com o desenvolvimento do sistema fabril mecanizado, a Revolução Industrial na Europa gerou uma grande explosão demográfica nas cidades, que não estavam preparadas para receber tantas pessoas vindas do campo, não oferecendo assim moradia suficiente para todos. Nessa perspectiva,

A multidão, sua presença nas ruas de Londres e Paris do século XIX, foi considerada pelos contemporâneos como um acontecimento inquietante. Milhares de pessoas deslocando-se para o desempenho do ato cotidiano da vida nas grandes cidades compõem um espetáculo que, na época, incitou ao fascínio e ao terror.<sup>35</sup>

Essa situação levou os reformadores sociais da época a pensarem na construção de habitações operárias, modelos esses propostos por Fourier na França, sendo esse considerado utópico naquele momento, por pensar não somente em uma habitação digna, mas também em uma sociedade ideal.<sup>36</sup>

A partir das propostas de habitação de Fourier, Owen e Bentham, ocorreram primeiramente várias experiências de Vilas Operárias na Europa, com localizações e estruturas diferenciadas, porém tendo em comum a aproximação com as fábricas, que pode ser entendida como estratégia para deixar o operário sempre a vista do seu empregador, dar maior sustentabilidade de produção às empresas, ou seja, uma forma de dominar e disciplinar os trabalhadores, como forma de investimento de capitais. Por isso,

A vila operária além de servir como agrupamento de todos os trabalhadores da empresa, servia para um melhor controle de vida e de produção dos mesmos. Com todos vivendo no mesmo local, os burgueses, patrões, poderiam impor métodos de vivência adequados para uma melhor disposição do trabalhador.<sup>37</sup>

<sup>34</sup> CANÊDO, 2009, op. cit., p. 64.

<sup>35</sup> BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 10.

<sup>36</sup> VIANNA, Mônica Peixoto. **Habitação e modos de vida em vilas operárias**. 2004. 32 f. Monografia (Disc. Habitação, Metrôpole, Modos de Vida). Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 05.

<sup>37</sup> RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 23.

No Brasil, no final do século XIX, esses modelos de Vilas Operárias foram sendo implantados na Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo<sup>38</sup>, em organizações arquitetônicas e sociais diferenciadas permitindo serem denominadas e reconhecidas por muitas pessoas com certa hostilidade, como pensão ou cortiço. Nesse sentido,

As vilas operárias simbolizam um tipo de relação social entre operariado e empregados que extrapolou e extrapola a camada dos que nelas vivem; esta relação difunde-se de modo ‘exemplar’ no seio do operariado que reconhece o fato de que certas indústrias ‘oferecem’ casas aos trabalhadores. A experiência iniciada no passado nunca se interrompeu, as casas foram sendo sucessivamente oferecidas por empresas nacionais, no passado, e multinacionais que se instalaram no país nas últimas três décadas.<sup>39</sup>

Nessa perspectiva, ao realizar a análise sobre o aparecimento das Vilas Operárias na Europa primeiramente, e após no Brasil, pode-se compreender que ambos mesmo tendo algumas semelhanças quanto à proposta de seus criadores, ou seja, pessoas ligadas à indústria, possuem suas peculiaridades quanto aos objetivos desses empresários. Em outras palavras, diferenças existentes devido à visão que cada idealizador possuía não somente no que diz respeito à moradia, mas principalmente em respeito à noção e concepção de desenvolvimento industrial que cada um traçava em seus investimentos econômicos. Mas, como observado, ambos os modelos habitacionais da Europa e do Brasil, fizeram uso do paternalismo, um sistema de relações sociais e trabalhistas, unidos por um conjunto de valores, normas e políticas, que tem por objetivo valorizar positivamente a figura do patrão. Dessa forma,

Este fenômeno que foi conhecido como paternalismo coloca a relação de exploração da força de trabalho em outra esfera, sendo um elemento alienante que ao confundir a figura do patrão com uma figura de agente moralizador da sociedade, tendo como aparato toda a estrutura social, a vila caracteriza-se então não mais somente como uma habitação, um complexo arquitetônico, mas e principalmente como um local de controle e manutenção do bom andamento da ordem social vigente.<sup>40</sup>

A partir do paternalismo, os modelos de Vilas operárias representavam uma estrutura social, capaz de assegurar, disciplinar e controlar a força de trabalho, não somente no espaço de trabalho, mas principalmente na moradia e no cotidiano desse operariado. Para isso as

---

<sup>38</sup> MIRANDA, Antonio Luiz. A Constituição do Espaço Urbano no Sul de Santa Catarina através das vilas operárias do setor carbonífero na primeira metade do século XX: Habitação, controle e modos de vida. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais eletrônicos**. Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0037.pdf>> Acesso em: 21 jul. 2013.

<sup>39</sup> BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar**: Vilas Operárias na cidade de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1985, p. 321.

<sup>40</sup> MIRANDA, 2009, op. cit., p. 12.



empresas procuravam formar vilas como pequenas cidadelas<sup>41</sup>, oferecendo aos moradores serviços que de certa forma eram deficientes, mas básicos para a sobrevivência, submetendo-os assim a restrições e códigos de conduta, a fim de assegurar tanto a lealdade da classe trabalhadora para com a fábrica e seu respectivo dono, como também para certificar que haja ordem social.

Para dar maior visibilidade as Vilas Operárias na Europa e no Brasil, faz-se necessário analisar à existências dessas, sendo assim, serão brevemente apresentadas posteriormente as diferentes propostas de organização habitacional operária, como: a Vila de Saltaire na Europa, a Vila Maria Zélia do município de São Paulo, no Brasil, e ainda as Vilas Operárias da região carbonífera Catarinense, em especial a Vila Operária Próspera.

### 3.1 VILA OPERÁRIA DA EUROPA – VILA DE SALTIRE

Entre as Vilas Operárias existentes na Europa, destaca-se a vila de Saltaire, ou parque, maneira pela qual o seu idealizar a reconhecia, construída entre 1851 e 1872 pelo empresário inglês Titus Salt, próxima à cidade de Bradford na Inglaterra, cidade essa que entre 1801 até 1851 apresentou o maior crescimento industrial, tornando-se o centro mundial de produção de lã. Trata-se de uma Vila Operária,

Com 2,59 Km<sup>2</sup>, possuía além de 820 casas, escolas, igreja, hospital, banhos públicos, clube e um amplo parque público. Exemplo de cidade pós-liberal, sua concepção foi influenciada pelas ideias dos novos conservadores ingleses e pelos reformadores e socialistas utópicos do começo do século XIX, como Robert Owen. Nesses planos enfatizava-se o efeito moralizante do caráter, o desenho e a aparência das casas, ruas e edifícios públicos. Ou seja, boas casas produziam boas pessoas. Quando completa, ela tornou-se uma unidade econômica e social que oferecia tudo que um empregado poderia querer para sua vida: trabalho, saúde, educação, instruções de moral, provisões para atividades de lazer e boas casas. Sendo assim, o contrário de tudo o que se encontrava em Bradford, como conflitos políticos, poluição industrial, bebedeiras, epidemias e sujeira.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> BERNARDO, Roseli; COSTA, Marli de Oliveira; OSTETTO, Lucy Cristina. A Casa e a Vila: A família operária e a moradia na Região Carbonífera, 1913-1930. FILHO, Alcides Goularti (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004, p. 107.

<sup>42</sup> VIANNA, 2004, op. cit., p. 13.



Figura 02 – Vista da fábrica com a vila<sup>43</sup>

O empresário Titus Salt era famoso e respeitado na cidade de Bradford, não somente pela moderna fábrica que possuía, ou por sua participação no Parlamento, mas também por ajudar instituições de caridade, de educação e religião. Somado a isso a construção da Vila Saltaire, não somente o deixou mais reconhecido pela comunidade, como o fez colocar em prática a suas ideias quanto à possibilidade de conciliar expansão industrial com estabilidade social.<sup>44</sup> Assim, o empresário oferecia uma habitação diferenciada daquelas já existentes, uma vez que, ao seguir e expressar a hierarquia do trabalho (gerentes – operários), e o controle dos operários, por meio de uma rigorosa disciplina, em que o lazer era controlado, também proporcionava aluguéis mais baratos, casas um pouco maiores (dois quartos, sala, cozinha, sanitário, quintais), abastecimento de água e gás, hospital, escola, aulas de artes, ciências, educação para adultos, laboratórios, sala de concerto, sala de leitura, biblioteca, clubes de cricket e de pesca.

Nessa perspectiva, percebe-se que Titus Salt, sendo capitalista, preocupava-se com a qualidade de vida dos operários, certamente não por possuir alguma estima por seus subalternos, mas visando obter lucros com trabalhadores sadios e aptos para desenvolver as atividades fabris, ou seja, a produção em grande escala. Por isso, ao mesmo tempo em que o empresário exigia disciplina e boa postura dos operários tanto na fábrica, como no parque,

<sup>43</sup> REYNOLDS apud VIANNA, Mônica Peixoto. **Habitação e modos de vida em vilas operárias**. 2004. 32 f. Monografia (Disc. Habitação, Metrópole, Modos de Vida). Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 17.

<sup>44</sup> VIANNA, op. cit., p.13.

recompensava-os com outras atividades, fazendo assim com que a relação patrão-empregado fosse hierárquica, mas também de trocas, ou seja, se o operariado aceitasse e acatasse as regras impostas pelo empresário, esses eram recompensados, sendo uma forma de “agradar” aqueles que lhe servissem, e lhe traziam o lucro por meio do trabalho.

As ideias propostas pelos reformistas sociais na Europa, também foram trazidas para o Brasil, aonde um grande número de Vilas Operárias foram construídas para abrigar a mão de obra utilizada nas mais diversas indústrias, e nas mais variadas regiões, como é o caso da Vila Maria Zélia, situada na cidade de São Paulo, e que faz parte do processo de industrialização do país.

### 3.2 VILAS OPERÁRIAS DO BRASIL – VILA MARIA ZÉLIA

Entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX, os modelos habitacionais propostos por Owen, Bentham e Fourier, foram trazidos para o Brasil pelos complexos industriais que aqui foram instalados.

Das Vilas Operárias existentes no Brasil, aponta-se a Vila Maria Zélia, situada na cidade de São Paulo, no bairro operário do Belenzinho, ou seja, entre os bairros do Brás, Belém e Penha, área essa de intensa atividade econômica. A Vila Maria Zélia foi construída em 1916, pelo empresário Jorge Street, proprietário da Companhia Nacional, que ao encontrar uma área no Belenzinho decidiu não transferir sua fábrica para o Rio de Janeiro, pois se tratava de uma área grande, localizada em um bairro operário, o que lhe proporcionava um intenso fluxo de mão de obra, e ainda água suficiente para a produção têxtil. De acordo com Vianna:

Jorge Street (1863-1938), proprietário e idealizador dessa vila foi um dos pioneiros na implantação da indústria no Brasil, em um período onde só a agricultura era valorizada. Assim, lutou pela implantação da tecelagem, uma vez que considerava que, com a expansão desta prática, haveria mercado para o desenvolvimento da fiação.<sup>45</sup>

Street, mesmo tendo algumas dificuldades financeiras, foi influenciado pelas concepções paternalistas burguesas, e assim pelas ideias do empresário inglês Titus Salt, que apresentado anteriormente, conseguiu implantar o seu ideal por meio da Vila Operária Saltaire. Sendo assim, acredita-se que o projeto arquitetônico e urbanístico da Vila Maria Zélia tenha seguido o modelo da Vila Saltaire, mas não totalmente influenciado pelos

<sup>45</sup> VIANNA, 2004, op. cit., p. 05.

socialistas utópicos, como Owen e Fourier, já que os filhos de Street revelam que essas eram teorias ultrapassadas, e que já no início do século XX, Marx era um autor muito conhecido e discutido.<sup>46</sup> A Vila Operária Maria Zélia,

Com projeto do arquiteto francês Pédarrieux, ela possuía perto de 200 casas unifamiliares, higiênicas e confortáveis, destinadas à habitação de seus operários. E, como precursora dentre os conjuntos habitacionais operários, teve também construído um conjunto de equipamentos coletivos, como: creche, jardim de infância, dois grupos escolares com capacidade de 400 pessoas cada um, escolas profissionais, farmácia, médico, dentista, açougue, armazém, campo para jogos esportivos, uma associação recreativa e beneficente (organizada juridicamente e composta somente por seus operários), ou seja, tudo que pudesse concorrer para amenizar a vida do trabalhador, no período do “não trabalho”.<sup>47</sup>



Figura 03 – Vista geral da Vila Maria Zélia<sup>48</sup>

Em síntese, constata-se que a Vila Maria Zélia era assim como a Vila Saltaire, um ambiente organizado e propício para os operários, uma vez que lhes oferecia trabalho e certa comodidade, talvez nunca vivenciada antes por esses trabalhadores, apesar de se tratarem de casas alugadas por 20 ou 25 mil réis<sup>49</sup>, os exigia disciplina, e não os deixava esquecer de que era ao mesmo tempo o ambiente de trabalho, ou seja, regulamentava tanto a vida dentro da fábrica como dentro de casa. Nessa perspectiva,

<sup>46</sup> BLAY, 1985, op. cit., p. 226.

<sup>47</sup> Ibid., p. 18-19.

<sup>48</sup> BENCLOWICZ apud VIANNA, Mônica Peixoto. **Habitação e modos de vida em vilas operárias**. 2004. 32 f. Monografia (Disc. Habitação, Metrópole, Modos de Vida). Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 19.

<sup>49</sup> Ibid., p. 226.

Maria Zélia possuía o caráter de núcleo fabril, isolado, até o momento em que a cidade se estendeu, incorporando-a em sua malha urbana, com isso, o controle sobre o operário passou a ser ainda maior. Assim, ficou totalmente isolada do convívio social, apesar de internamente, haver peças de Molière no teatro, torneios esportivos, festas, e futebol. A escola e a creche empregavam pessoal leigo, e o único religioso do local era um padre católico, responsável pela Igreja. A escola não era apenas vista como uma forma de educar as crianças, mas como forma de viabilizar a liberação da mão de obra feminina. Existia um regulamento que presidia a vida dos moradores da vila, proibindo barulhos após as 9 horas da noite, assim como brincadeiras infantis nas ruas, venda de bebidas alcoólicas em bares e em festas sem permissão. Para morar lá, era necessário declarar-se católico, percebe-se assim, como a indústria enfatizava a religião na formação de um operário dócil.<sup>50</sup>

Street assim como Salt, foi considerado por muitos, como à frente do seu tempo<sup>51</sup>, ele era um empresário baseado no lucro, no produto do trabalho por ele comprado. Mesmo preocupado em conceder certo bem estar e condições adequadas de vida dos seus empregados, para que esses assim pudessem produzir mais e melhor dentro da fábrica, ele embasado no ideal capitalista, não podia abrir mão das longas jornadas de trabalho, como também não podia deixar de utilizar a mão de obra barata de mulheres e crianças.

A partir desse ponto de vista, pode-se reforçar a ideia de que toda a preocupação com o operariado era meramente fundamentada na perspectiva capitalista, de realizar investimentos, para a melhoria da indústria e da sua produção, para poder assim obter mais lucros, fazendo parte do processo produtivo de uma indústria. Contudo, diferentemente de Salt, Street devido a sua situação econômica delicada, e com os altos investimentos que precisou fazer na Vila, não conseguiu terminar a construção, perdendo-a para Nicolau Scarpa, em 1923. Dessa forma não houve tempo de seus investimentos retornarem em forma de produção, como o industrial esperava.

No Brasil, inúmeras foram as Vilas Operárias construídas com o intuito de resolver o problema habitacional da classe operária, servindo ainda como estratégia para reforçar as relações paternalistas. Um exemplo dessas vilas pode ser encontrada na região sul do país, mais precisamente no estado de Santa Catarina, onde importantes centros de mineração se firmaram a partir da exploração do carvão, e da atividade carbonífera.

---

<sup>50</sup> VIANNA, 2004, op. cit., p. 21.

<sup>51</sup> Ibid., p. 22.

### 3.3 VILAS OPERÁRIAS DA REGIÃO CARBONÍFERA DE SANTA CATARINA

Na Europa assim como no Brasil as Vilas Operárias foram construídas como estratégia de resolver o problema causado pela aglomeração urbana, que surgiu devido à ascensão do capitalismo, que acabou motivando muitas pessoas a sair do campo para buscar trabalho na cidade, em virtude da constante procura por mão de obra. Na região sul do Brasil, território aonde se encontra grandes jazidas de carvão mineral, uma realidade semelhante, mas não idêntica, foi construída.<sup>52</sup> Nascimento afirma que:

Com o crescimento da atividade carbonífera, foi se estabelecendo uma radical transformação na paisagem regional, que foi cada vez mais tendo as marcas da extração do carvão. Em primeiro lugar, essa mudança atingia as localidades que possuíam minas de carvão, já que as empresas carboníferas, especialmente as maiores, implantavam todo um complexo industrial que funcionava em função do carvão.<sup>53</sup>

A partir da exploração desse minério, atividade essa que foi efetivada a partir da Primeira Guerra Mundial, surgiu à necessidade de se construírem Vilas Operárias, uma vez que as empresas carboníferas ao se instalarem na região sul, encontraram terras ocupadas por imigrantes e por seus descendentes, o que representava uma economia e modo de vida, estabelecidos pela agricultura, e uma falta de mão de obra qualificada à extração do carvão. Além disso, muitas pessoas interessadas em trabalhar na mineração se deslocavam das pequenas cidades e vilarejos da região, não havendo assim moradia suficiente para todos. Por isso,

O aspecto habitacional era, indiscutivelmente, um importante item a ser atendido entre as principais carências na Região Carbonífera. Tornou-se na prática uma assistência obrigatória oferecida à população trabalhadora, em virtude do grande fluxo de famílias oriundas de outras regiões distantes do Estado e de além-fronteiras, que se fixavam em locais desabitados junto às minas.<sup>54</sup>

Portanto, a construção de Vilas Operárias, áreas residenciais localizadas próximas às minas de carvão, tanto resolveria a questão de moradia, como daria à empresa carbonífera um maior controle sobre o operariado, ou seja, reuniria aquela mão de obra desqualificada, e que

<sup>52</sup> CAROLA, Carlos Renato. **Dos Subterrâneos da História:** as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002, p. 95.

<sup>53</sup> NASCIMENTO, Dorval do. A Produção Histórica e Cultural da Região Carbonífera de Santa Catarina, 1880-1930. In: FILHO, Alcides Goularti (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004, p. 57.

<sup>54</sup> GUIDI, Ayser; QUADROS, Joice; BELLOLI, Mário. História do Carvão de Santa Catarina. Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002. p. 273.

não estava acostumada ao ritmo industrial. Para Blay, a Vila Operária aparece “como um fator de intermediação das relações de produção”.<sup>55</sup>

De acordo com Carola: “nas principais Vilas Operárias, praticamente tudo pertencia aos donos das minas: os terrenos, as casas, os clubes de festas e danças, os clubes de futebol, o armazém e a escola”.<sup>56</sup> Assim as casas de madeira existentes nas Vilas Operárias eram construídas, alugadas ou financiadas pelas companhias carboníferas a seus mineiros, o que representa o controle que essas empresas possuíam em relação a esses trabalhadores, os submetendo a qualquer tipo de trabalho e até mesmo exploração, pois ao oferecer trabalho, moradia, e condições básicas para sua sobrevivência, estavam dando certa segurança aos mineiros e as suas famílias, esses “deveriam” ser gratos pela “ajuda” recebida. Assim,

Atraídas pela oferta de emprego e remuneração regular, além de um teto para morar, as famílias empobrecidas da região sul de Santa Catarina vislumbravam, na região carbonífera, possibilidades concretas de dias melhores.<sup>57</sup>

Por outro lado, mesmo tendo onde morar essas famílias passavam dificuldades, quanto as condições dessa moradia, casas na maioria das vezes pequenas para o tamanho da família, falta de água encanada, saneamento básico, hábitos de higiene e alimentação precárias, doenças, falta de remédios, entre outras necessidades básicas. Em relação a essas dificuldades, destaca-se:

As condições de moradia das famílias mineiras também não passaram despercebidas para o médico Boa Nova. Preocupado com a produtividade dos operários, o referido médico tece suas considerações sobre as péssimas condições higiênicas das casas operárias e suas dimensões pequenas para a famílias por demais numerosas; sobre a falta de água encanada e de luz elétrica; sobre o mobiliário rudimentar, as cobertas escassas, as poucas roupas das famílias, a preparação dos alimentos efetuada precariamente em “toscos fogões” a lenha, etc., fatores que, segundo o médico, não propiciavam o “repouso merecido” e indispensável para a manutenção da capacidade de trabalho mineiro.<sup>58</sup>

Nessa perspectiva, pode-se perceber certa diferença entre as Vilas Operárias analisadas anteriormente, e as Vilas existentes na região carbonífera de Santa Catarina. Isso pelo fato de que os idealizadores da vila Saltaire e Maria Zélia visavam desde o princípio uma boa condição de vida ao operariado, entendendo que isso proporcionava aos trabalhadores maior possibilidade de produção no trabalho, e favorecendo assim o desenvolvimento industrial de

---

<sup>55</sup> BLAY, 1985, op. cit., p. 53.

<sup>56</sup> CAROLA, 2002, op. cit., p. 96.

<sup>57</sup> Ibid., p. 99.

<sup>58</sup> Ibid., p. 103.

suas próprias fábricas. Já nas Vilas Operárias da região sul de Santa Catarina, percebe-se que as companhias carboníferas estavam mais preocupadas em controlar sua força de trabalho, do que propriamente ter um maior desenvolvimento na atividade carbonífera, pois do contrário ofereceriam aos mineiros não somente a casa e algumas formas de lazer, mas também uma vida mais saudável, que certamente resultaria em um melhor desempenho no trabalho.

Somente a partir da década de 1930, é que se começa a pensar por meio de um processo civilizatório e modernizador em políticas de saúde, ou seja, inicia na região carbonífera uma maior preocupação com o trabalho, moradia e saúde da classe operária mineira, fazendo os mineradores entenderem que o conforto, higiene e uma boa condição de vida aos seus empregados, não apenas garantia produtividade como a aumentaria, favorecendo assim os interesses das companhias carboníferas.

### 3.4 VILA OPERÁRIA PRÓSPERA – MUNICÍPIO DE CRICIÚMA

O município de Criciúma localiza-se na região carbonífera catarinense, sendo considerada por muitos anos como a “Capital brasileira do carvão”. A partir da exploração desse minério, a cidade passou por transformações históricas, geográficas, sociais e ambientais. De acordo com Câmara:

Diferente de grande parte das cidades brasileiras, baseadas em duas áreas bem definidas, a rural e a urbana, onde a expansão urbana ocorre do centro urbano para as periferias, pressionando as áreas rurais e incorporando-as ao tecido urbano, o município de Criciúma foi se conformando a partir de três áreas distintas: a) a área central, núcleo gerado pelo cruzamento de estradas que ligavam as vilas e os assentamentos coloniais, um lugar de centralização das atividades administrativas e econômicas; b) as áreas rurais, estabelecidas no entorno da área central e caracterizadas pela pequena propriedade rural; e c) as vilas operárias, áreas residenciais situadas no entorno das áreas de mineração de carvão.<sup>59</sup>

Portanto, a atividade carbonífera além de proporcionar considerável crescimento econômico e urbano à região, também ocasionou divisões internas na organização do espaço e nas relações sociais, ou seja, fez surgir à divisão territorial do trabalho, e a divisão social em classes sociais, existentes até hoje na organização espacial do município.<sup>60</sup>

No município de Criciúma, as Vilas Operárias, foram construídas a partir de 1920, sendo a Vila de Santa Bárbara, localizada no Bairro Santo Antônio a primeira delas, e que

<sup>59</sup> CÂMARA, Mauricio Ruiz. Mineração e Crescimento Urbano em Criciúma: Contribuições para um debate. In: FILHO, Alcides Goulart (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004, p. 376.

<sup>60</sup> CÂMARA, 2004, op. cit., p. 376-377.



pertencia à Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá (CBCA). No entanto, a maior Vila Operária da cidade de Criciúma foi à da Companhia Carbonífera Próspera, que deu o mesmo nome à comunidade.

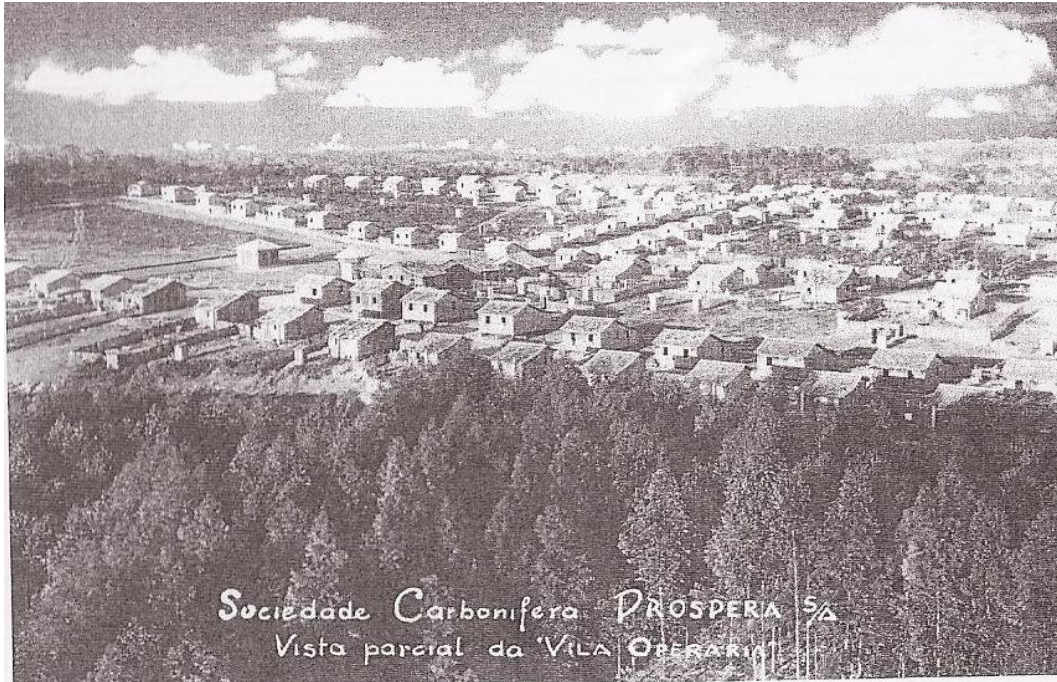


Figura 04 – Bairro Próspera (1942)<sup>61</sup>

De acordo com a historiadora Marli de Oliveira Costa, as casas operárias na Vila da Próspera foram construídas inicialmente na gestão dos diretores Júlio Gaidinziski e Jorge da Cunha Carneiro, na década de 1930 <sup>62</sup>, por empreiteiras. Esses diretores faziam parte da Carbonífera Próspera, uma companhia que nasceu em Urussanga, aonde os negócios não iam muito bem, por isso quando iniciaram-se as explorações no subsolo de Criciúma a empresa foi transferida para lá, recebendo ainda novos sócios, como: Vitório Búrigo, Pedro Benedet, Marcos Rovaris, entre outros. Em 1924 o capital da companhia foi transferido para um grupo alemão que deixou as minas durante muitos anos. Assim Júlio Gaidinziski e Jorge da Cunha Carneiro resolveram então, adquirir o seu controle patrimonial.

A carbonífera além de disponibilizar as casas para os mineiros, esses precisando se inscrever e esperar ser chamados, também oferecia serviços como: escola, açougue, armazém, caixa de socorro, clube recreativo, água potável, entre outros, ou seja, requisitos necessários

<sup>61</sup> BELOLLI, Mário; QUADROS, Joice; GUIDI, Ayser, 2002, op. cit., p. 275.

<sup>62</sup> COSTA, Marli de Oliveira. “**Artes de Viver**”: Reciclando e Reinventando Espaços – Memórias das Famílias da Vila Operária Mineira Próspera Criciúma (1945-1961). 1999. 206 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 53.

para que as famílias mineiras não precisassem recorrer a outros lugares, precisando sair assim da Vila Operária. Entende-se que essa realidade, assim como nas outras Vilas Operárias existentes na Europa e no Brasil, era uma estratégia utilizada para garantir a ordem e controle dos trabalhadores, uma vez que:

A configuração da Vila, a todo momento, lembrava a existência da mineradora. O operário morava em casas que, ao olhar pela janela, avistava sempre seu trabalho. Se saísse à rua, então, era envolvido por imagens de caminhões, rejeito de carvão, e construções pertencentes à empresa. Esta ramificava-se da mina e entrava nos lares operários.<sup>63</sup>

Em 1953, devido ao processo de modernização do setor carbonífero nacional e a criação do Plano do Carvão Nacional, as ações da Carbonífera Próspera passaram a ser lideradas pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Essa modernização era entendida como solução para que o carvão nacional pudesse concorrer com o carvão importado, por isso era necessário o crescimento da produção e a melhoria da qualidade, supervisionados então pela comissão executiva do Plano do Carvão Nacional (CEPCAN).

A partir desse processo modernizador, muitas mudanças ocorreram na Vila Próspera, já que se iniciou nesses espaços de moradia um projeto de higienização e moralização das famílias mineiras, vistos como uma etapa da modernização da atividade carbonífera, e que ainda reverteria à situação hostil que o progresso industrial causou no ambiente e na saúde dos moradores, principalmente daqueles que moravam na Vila e que estavam cotidianamente convivendo com essa realidade. Nessa época também se começou a entender que uma assistência social às famílias além de melhorar a condição de vida, também contribuiria com a atividade carbonífera. Por isso a instalação do Serviço Social da Indústria – SESI no município e o trabalho das freiras da Congregação da Divina Providência contribuiriam com o processo civilizatório das famílias, ou seja, com a educação sanitária e higiênica. Percebe-se o início dessa modernização, no momento em que:

A carbonífera iniciou os primeiros passos para a higienização e moralização das famílias quando começou a construção das casas com um número maior de cômodos. Isso permitia que se dividissem os quartos de acordo com o sexo dos filhos e que o casal tivesse um quarto só para si, procurando adequar os modos de vida disseminados pelos médicos sanitaristas, impondo-lhes, desta forma, novos regimes sensitivos e uma outra disciplina corporal.<sup>64</sup>

---

<sup>63</sup> COSTA, 1999, op. cit., p. 56.

<sup>64</sup> Rago apud COSTA, Marli de Oliveira. “**Artes de Viver**”: Reciclando e Reinventando Espaços – Memórias das Famílias da Vila Operária Mineira Próspera Criciúma (1945-1961). 1999. 206 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 67.

Nessa perspectiva, pode-se perceber que diferentemente das Vilas Operárias existentes na Europa e no Brasil, onde a sua organização e habitação eram determinadas por seus idealizadores, ou seja, empresários donos de indústrias, o conjunto de Vilas Operárias da região carbonífera catarinense eram em boa parte semelhantes. Isso porque, além de serem vistas como estratégia de controle dos mineiros, algumas também passaram por transformações sociais, propostas pelo governo, pelo menos as que eram estatais, como a CSN. Já que encontrava-se a necessidade não somente de modernizar os métodos e as máquinas de extração do carvão, mas também de modernizar a vida cotidiana de mineiros e suas famílias, por meio de um processo civilizatório.

## 4 UMA OUTRA VILA OPERÁRIA PRÓSPERA: PELAS MEMÓRIAS FEMININAS

Embora o nome da cidade esteja relacionado com uma planta chamada “cresciúma”, abundante na época da colonização, o símbolo de Criciúma é o mineiro, mais exatamente, “o homem do carvão”. Representando a força simbólica e história de Criciúma, este grupo social de trabalhadores se confunde com a história da cidade. Se, de um ponto de vista econômico e empresarial, não se pode pensar Criciúma sem a indústria do carvão, de um ponto de vista ideológico e cultural não há maneira de se pensar Criciúma sem identificar aquele que foi seu grupo social mais destacado: os mineiros.<sup>65</sup>No entanto, [...] mais estranho ainda é a complexa invisibilidade das trabalhadoras. Não somente porque também trabalhavam nas minas mas também porque foram elas que assumiram, exclusivamente, os trabalhos da casa, o cuidado das crianças e a comida na mesa. Sem o trabalho doméstico, o homem não suportaria trabalhar no “subterrâneo das trevas” e a indústria carbonífera não teria se viabilizado economicamente.<sup>66</sup>

Contrário a uma perspectiva, em que os mineiros, e principalmente as mulheres foram esquecidas pela historiografia oficial, é que pretende-se analisar o cotidiano da Vila Operária Próspera. Numa estrutura construída a partir das memórias de duas antigas moradoras que ao revelarem suas lembranças deram visibilidade a mulher mineira, e apresentaram a Vila Operária por meio de suas percepções.

Quanto à expressão mineira, essa não quer dizer necessariamente que se trata somente das mulheres trabalhadoras da mina, mas também daquelas que vivenciaram a influência da atividade carbonífera nas mais variadas práticas cotidianas, como por exemplo, as mulheres que preparavam o almoço para o seu marido mineiro, e as filhas que levavam esse mesmo almoço para os seus pais que estavam trabalhando e promovendo o “progresso” para a região.

Tais práticas cotidianas foram apresentadas por meio das memórias de duas personagens principais, sendo elas...

### 4.1 APRESENTANDO AS NARRADORAS

As personagens que vão dar visibilidade para a presença feminina no cotidiano da Vila Operária Próspera foram Dona Norma e Dona Sônia. Apesar de serem mulheres com idades diferentes, e assim perspectivas diferentes, fizeram parte do dia a dia da Vila por alguns anos, participando de eventos, convivendo com a mineração, e ainda desempenhando seus respectivos papéis dentro do contexto social da Vila Operária.

<sup>65</sup> TEIXEIRA, 1996, op. cit., p. 33.

<sup>66</sup> CAROLA, 2002, op. cit., p. 23.

Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski, setenta e oito anos, nasceu no dia 06 de Setembro de 1935, em Pedras Grandes. É de uma família composta por oito pessoas (ela, mãe, pai, dois irmãos legítimos e três de criação). Seu pai trabalhou por muitos anos na atividade carbonífera, como capataz da mina, função essa que lhe dava certo prestígio e certa comodidade dentro da Vila Operária, e também a necessidade de se mudar para diferentes cidades juntamente com a sua família. Chegou à Próspera por volta dos doze anos, em 1947, vinda de Tubarão. Ali desempenhou o papel de escolhedeira de carvão, e almoceira, pois levava o almoço todos os dias para o seu pai, e posteriormente para o seu marido, mineiro que conheceu assim que chegou à Próspera.

Sônia Alves, por sua vez, cinquenta e um anos, nasceu no dia 25 de Setembro de 1962, em Criciúma. Sua família é composta por cinco pessoas (ela, mãe, pai e dois irmãos). A família da sua mãe sempre morou na Próspera, e o seu pai veio de Tubarão para trabalhar em Criciúma como pedreiro primeiramente, e após se casar arrumou um emprego na carbonífera para trabalhar como pedreiro e carpinteiro da mina. Dona Sônia e a sua família nunca moraram na Vila Operária, mas nas proximidades, o que a fez ter contato direto desde pequena com a realidade dos moradores e da respectiva Vila. Assim como Dona Norma, ela também desempenhou o papel de almoceira, porém não trabalhou com a mineração, e não se casou com um homem mineiro.

#### 4.2 O QUE ELAS FALAM SOBRE A VILA OPERÁRIA PRÓSPERA

“Era uma família, a operária era uma família só, todo mundo ajudava o outro”.<sup>67</sup>

As casas da Vila Operária Próspera começaram a ser construídas na década de 1930 pela Carbonífera Próspera, a fim de servir de moradia para os mineiros e suas famílias. O território aonde foi construída a Vila, era até meados dos anos 40 composta por cachoeiras que formavam pequenos lagos, e circundada por dois morros coberto de mata Atlântica<sup>68</sup>, ambiente esse que foi aos poucos degradada pelos rejeitos da mineração, que tem como a principal responsável, a antiga Carbonífera Próspera.<sup>69</sup>

Dona Norma descreve a Vila, dizendo que:

---

<sup>67</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>68</sup> COSTA, 1999, op. cit., p. 33.

<sup>69</sup> TEIXEIRA, 1996, op. cit., p. 50.

Tinha dois carreiros, um carreiro de casa aqui e o outro aqui, uma vila, assim lá longe, e ali, os operários que moravam. [...] A casa era dos operários que trabalhavam na mina. Onde eles trabalhavam na mina, e tinham a casinha para morar, a companhia que dava.<sup>70</sup>

Ao ser questionada quanto o aluguel das casas, Dona Norma diz que não havia aluguel, porém, como se sabe, ela era filha do capataz da mina, então provavelmente vivenciou algumas regalias, devido a função que o pai desempenhava na carbonífera, já que as casas da Vila variavam de acordo com as funções ocupadas na mineração, ou seja, a divisão social do trabalho<sup>71</sup>, que proporcionava ao pessoal do escritório casas com um maior número de cômodos e com mais conforto, e para os mineiros, casas menores e mais próximas das bocas de mina. Dona Norma lembra que as casas:

Era quatro pecinhas, uma patente lá na rua, e quatro peças, só que era grande, e não tinha forro. Quando eu me casei meu velho fez uma mesa, feita a facão, escuta, fez um armário, comprou um roupeiro, comprou uma cama, comprou um jogo de sala, uma cristaleira e uma mesa com quatro cadeiras tudo de verniz, e aí eu tinha.<sup>72</sup>

Nem todas as casas tinham acesso à luz elétrica, somente as casas dos capatazes e engenheiros, e as ruas da Vila. Dona Norma recorda que na casa que morava, quando solteira, com os seus pais,

[...] nós tivemos toda a vida energia, é tanto que eu tinha água quente pra tomar banho, e quando casei já não tinha. Não tinha energia elétrica, e a água era tudo de poço. Água de poço, e era lampião. Nós compramos uma banheira desse tamanho, aí enchia aquela banheira e tomava banho ali.<sup>73</sup>

As Vilas Operárias eram construídas com estrutura de pequenas cidades, possuindo assim o armazém, o açougue, a farmácia, a capela, e ainda os lugares de entretenimento, como o futebol e o bar. Essa estrutura facilitava à mineradora, no que diz respeito ao controle do operariado e a manutenção da relação paternalista, uma vez que os mineiros e suas famílias não precisariam sair da Vila para comprar alimentos, ou até mesmo se divertir. Por muitas vezes ainda os operários se apropriaram destes espaços e construíram outros, como por exemplo,

<sup>70</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>71</sup> COSTA, Marli de Oliveira. Infância e Educação: A Experiência da Vila Operária Mineira Próspera em Criciúma SC: 1945-1961. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação, 2004, Curitiba. **Anais: A Educação Escolar em Perspectiva Histórica**, 2004. v.1., p. 03.

<sup>72</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>73</sup> Ibid.

Os bares ficavam junto às vendas de particulares. Algumas pessoas da vila construíram estabelecimentos de compra e vendiam para as famílias dos mineiros. Na vila existiam várias vendas ou “botecos”, como ainda existem em bairros populares. Além de funcionarem como bares, continham também produtos de consumo de primeira necessidade. Os “botecos”, então, eram locais frequentados por mulheres durante o dia, e no final do expediente do trabalho nas minas, pelos homens.<sup>74</sup>

Durante a entrevista com Dona Norma, encontra-se outra expressão, como bodega para designar o bar e a venda. Entende-se que ambos os espaços ofereciam tanto alimentos, como bebida, jogos e bailes, sendo ainda o “local” de encontro dos mineiros após o expediente da mina, onde eles discutiam sobre diferentes assuntos e também combinavam a ida à “zona do meretrício da cidade”.<sup>75</sup>



Figura 05 – Família Schaukoski, e atrás o bar da família<sup>76</sup>

<sup>74</sup> COSTA, 1999, op. cit., p. 131.

<sup>75</sup> BERNARDO, Roseli Terezinha. O Tempo e os Espaços de Entretenimento das Famílias Operárias Mineiras. In: FILHO, Alcides Goularti (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004, p. 139.

<sup>76</sup> Arquivo particular de Analia Bernadino Schaukoski.

Segundo a entrevistada:

Tinha bodega, naquele tempo só tinha bodega e bar, era o que mais tinha aonde eles mais iam era o bar. O meu sogro ele tinha a vendinha dele, tinha o bar e vendia cachaça, vendia isso, vendia aquilo, tinha as mesas de jogo, e tinha o salão pra dançar, tudo junto, e era tudo ali. Vamos dizer, ali assim tinha a venda, aqui assim eram as mesas de jogo. Lá não entrava mulher.<sup>77</sup>

De acordo com Bosi<sup>78</sup>, “a criança sente-se incluída no grupo familiar e no da vizinhança, suas lembranças brotam de um e outro, dada à íntima vivência com ambos”, sendo assim, Dona Sônia que nasceu alguns anos após Dona Norma, e que de fato não morou na Vila Operária, mas era filha de mineiro, e viveu toda a sua infância e adolescência convivendo com pessoas moradoras da Vila, revela por meio da entrevista que:

Mercado tinha na época, quer dizer tudo se concentrava na realidade nessa Rua Osvaldo Pinto da Veiga que é aquela ali da Próspera, então, aí tinha o mercado, o mercado da época era o grande, que a gente chamava de grande, que era aonde a companhia Próspera dava ordem de compra para as pessoas comprarem era o SESI.<sup>79</sup>

Através dessas ordens de compra, as famílias mineiras estavam sempre em dívida com a empresa, pois, do salário do operário, descontava-se armazém, casa, farmácia, açougue, entre outros serviços, fazendo assim a Carbonífera manter um vínculo de dependência dos empregados à empresa.<sup>80</sup>

Os espaços de entretenimento na Vila Operária, por serem delimitados pela companhia carbonífera, estão inteiramente ligados à disciplina do trabalho dentro do capitalismo. Como um mecanismo sutil de dominação para garantia da produção: o espaço da Vila instaurado com conforto, satisfação e moralidade, de onde o trabalhador não precisa sair nem mesmo para divertir-se.<sup>81</sup> Nessa perspectiva havia o time de futebol “Esporte Clube Próspera”, fundado em 29 de maio de 1946, e que tinha como jogadores, em sua maioria os próprios trabalhadores da carbonífera. Por alguns anos o time disputou a Liga Atlético da Região Mineira (LARM).

<sup>77</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>78</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 431.

<sup>79</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>80</sup> COSTA, 1999, op. cit., p. 66.

<sup>81</sup> Rago apud COSTA, Marli de Oliveira. “**Artes de Viver**”: Reciclando e Reinventando Espaços – Memórias das Famílias da Vila Operária Mineira Próspera Criciúma (1945-1961). 1999. 206 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 137.



Dona Sônia lembra que:

Então, aí tinha na época jogos, que seriam o Esporte Clube Próspera, então o campo do Próspera que ainda é ali, então tinha sempre o futebol porque tinha o time forte na Próspera, então nos finais de semana a gente ia assistir os jogos naquela vila operária, porque ali era o campo. A gente muitas vezes não entrava no campo, ficava nos morros ali e ficava assistindo que era mais divertido, um monte de colegas do meu pai, um monte de gente assistindo o jogo. Assim a gente passava os fins de semana.<sup>82</sup>

O esporte assim pode ser entendido como forma de disciplina, ou seja, um “lazer mais saudável e produtivo” para o operariado, no sentido de torná-lo mais “disciplinado e ordeiro”.<sup>83</sup>

Na Vila Operária Próspera ainda havia as sedes recreativas, que eram compostas pelo salão onde se realizavam os bailes, as domingueiras, sala de jogos, o bar, e os clubes. Os clubes ainda representavam uma divisão social e étnica. Dona Sônia lembra que:

Tinha um clube, que era ali mesmo do lado da carbonífera, do escritório da carbonífera Próspera, que era o Esporte Clube Próspera, então era o clube que tinha ali, que os sócios frequentavam. [...] Qualquer evento que acontecesse, acontecia então nesse clube Próspera. Mas aí era dividida assim, porque na época, não sei se eu devo falar isso, era assim, as pessoas de cor negra não se misturavam com as pessoas de cor branca nos salões de baile, então cada um tinha o seu, um não entrava no salão do outro.<sup>84</sup>

No entanto, Dona Norma ao ser questionada quanto à existência de clubes, talvez por ter morado na Vila um tempo antes de Dona Sônia, diz não se lembrar dos clubes, mas sim dos bailes que eram feitos nas casas e nas bodegas, como a de seu sogro, que tinha um lugar somente para os bailes. Ela ainda descreve com muito entusiasmo os bailes que seu marido Cidinho tocava, e ela cantava. Bailes esses que aconteciam tanto na Vila Operária Próspera, como em outras cidades, como Içara, Araranguá, Laguna, Tubarão, e que ainda ajudavam no orçamento familiar.<sup>85</sup>

A partir desse deslocamento para outras cidades, percebe-se apesar das dificuldades e de certo controle exercido pela carbonífera no cotidiano das famílias mineiras, esses moradores iam ao centro da cidade, para outros bairros e vilas, a fim de buscar outras formas de distração, que era dançar, frequentar a missa e as festas religiosas, ir ao cinema e ainda visitar parentes que moravam em outros bairros. Ou seja, constata-se que havia circularidade

<sup>82</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>83</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. **Cotidiano de trabalhadores na República**: São Paulo - 1889/1940. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990, p. 88-89-90.

<sup>84</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>85</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

na Vila Operária Próspera, e que essa acontecia por meio de bicicleta, a pé, de ônibus e até mesmo de trem.



Figura 06 - Alcides Schaukoski e seu musical<sup>86</sup>

Dona Norma recorda que após ter se casado ia ao Cine Milanês toda quinta-feira com o seu marido de bicicleta.<sup>87</sup> Já Dona Sônia lembra que o seu pai e a sua mãe frequentavam muito o Cine Opera, e que quando pequena ia aos Cines matinê em que eram exibidos filmes infantis, parques de diversão e circos que vinham para a cidade de Criciúma de vez em quando.<sup>88</sup>

A comunidade ainda era muito religiosa e manifestava sua fé em vários momentos, por meio das missas, festas, romarias e novenas. “Igreja tinha, toda a vida teve a Nossa Senhora da Salete.”<sup>89</sup>

Não tinha outras religiões, ou era crente, ou era assembleia, ou era católica, e o pessoal da mina, a maioria acredito que eram católicos, que a igreja lotava sempre. Então eles faziam no domingo de manhã, a gente não tinha nada para fazer, aí o que a gente ia fazer, o pai botava a gente pela mão, pegava a gente pela mão e tinha que

<sup>86</sup> Arquivo particular de Analia Bernadino Schaukoski.

<sup>87</sup> Ibid.

<sup>88</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>89</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

todo o domingo de manhã ir na missa, primeiro ir na missa, depois fazia o que queria fazer no domingo, brincar e tal, primeiro na missa. Então era sagrado todo domingo ir na missa, as pessoas eram bem católicas assim.<sup>90</sup>

A Igreja Nossa Senhora da Salete foi construída em 1930 por meio da doação de um terreno pela Carbonífera Próspera, e a organização dos mineiros que arrecadaram dinheiro, já que eram descontados dos seus salários certo valor que contribuiria com a construção da igreja. Com o aumento da população local, em 1950, necessitou-se de uma igreja maior para atender os fiéis, foi construída outra igreja de madeira onde se encontra a atual. Sobre as festas da Igreja, Dona Sônia conta que:

Tinha a festa da padroeira da Próspera que é a Nossa Senhora da Salete, então em meados de quatro de outubro, o dia da santa, acontecia a festa da Nossa Senhora da Salete, que era três dias de festa, aquelas barracas de antigamente, de prendas, de churrasco, e dançavam aquelas domingueiras, domingo a tarde que tinha nas festas de antigamente, e era uma festa bem divertida, e como era o único evento do ano assim importante, todo mundo tinha que fazer roupa nova, e se preparar para a tal festa que nem antigamente era.

A festa na realidade era realizada pelas pessoas da comunidade, devia ter ajuda da mineradora, não me lembro, mas assim, as pessoas da comunidade todo mundo tinha um monte de pessoas festeiras, pessoas que a gente chama hoje em dia de voluntárias para ir lá e ajudar na festa, essas coisas.

Sempre tinha uma banda tocando, umas bandas muito boas, e tinha a dança que era só no finalzinho do domingo, quando, depois que teve a missa das três horas da tarde, então era uma festa só, então eram três dias de festa normalmente. E aí antes do acontecimento da festa, para arrecadar fundos, então eles faziam nas casas dos festeiros, novenas. Meses antes já começavam, daí tinha um festeiro lá fazia uma novena, aí botava aquelas barraquinhas e ficavam lá na novena, num sábado a noite, tal, aí aquele dinheiro também ia pra lá, pra fazer outra festa, era assim.<sup>91</sup>

Em relação à saúde da Vila Operária Próspera, pode-se perceber por meio das entrevistas orais, dois momentos distintos, já que tratam-se de antigas moradoras, que em épocas diferentes vivenciaram a realidade da Vila e da mineração. Dona Norma, por exemplo, na década de 50 vivenciou a prática de parteiras, benzedeiras e um cuidado diferenciado com os recém-nascidos. Ela revela que:

Não tinha nem médico, não tinha nada. Eu ganhei os meus filhos tudo em casa, com a minha sogra, que era parteira. A minha sogra nossa, quantas mulher que foi com ela, barbaridade. [...] <sup>92</sup>

<sup>90</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>91</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>92</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

Mesmo o município de Criciúma possuindo hospital desde 1936, os partos eram realizados nas casas, por meio das parteiras. De acordo com Costa: “o sucesso dos partos variava e acordo com as condições físicas das mulheres, do ambiente onde era realizado e da experiência das parteiras adquirida durante os anos de prática.”<sup>93</sup> Sobre as benzedeadas, pessoas que curavam uma pessoa doente, aplicando sobre ela gestos, em geral acompanhados por alguma erva com pretensos poderes sobrenaturais:

É, a dona Margarida era, aonde era cobreiro, é, quando torcia o pé, ela benzia tudo assim, e a gente se curava com aquilo ali. [...]  
 Naquele tempo tinha sarampo, catapora, tosse cumprida, que a gente chamava, que é coqueluche, e tinha tuberculose, que não tinha cura naquele tempo, morria assim, tinha que morrer, não tinha medicamento nenhum, nem médico não tinha.  
 O primeiro médico que eu conheci foi o Manif, só tinha ele.  
 A minha mãe se tratou muito com o Manif, ela criou três filhos dela, mas perdeu onze. [...]  
 Meus primeiros dois filhos, eles eram enroladinhos enfaixados, ficavam tudo paradinhos. [...] Naquele tempo não se tirava na rua, para não pegar mal de sete dias. [...] É e aí cuidavam daquele neném assim. Naquele tempo por nada às vezes chorava porque tava tudo enrolado. Tinha que botar faixa no umbigo, tinha que botar faixa, depois que botar as fraldinhas, as coisas assim, que enrolava tudo, pra depois colocar um cobertor por cima uma coisa.<sup>94</sup>

No final do século XIX e início do século XX, iniciou-se nos centros urbanos uma maior preocupação com a natalidade e com a mortalidade infantil, fazendo assim com que os nascimentos pouco a pouco, fossem sendo conduzindo para os hospitais, para serem realizados por parteiras “diplomadas” e médicos formados.<sup>95</sup>

Dona Sônia, diferentemente, presenciou na década de 60 o processo de moralização e higienização das famílias mineiras da Vila Operária Próspera, por meio do SESI e das Irmãs da Divina Providência, que ao desenvolverem atividades e oferecerem serviços a saúde, normatizando a higiene, o preparo da comida, o cuidado com as crianças, enfim, normatizaram as condições básicas de vida dos moradores da Vila.

Não, na minha época a minha vó ainda ganhou os filhos com parteira em casa, a minha mãe não, a minha mãe já ganhou nós três no hospital São José, nada foi em casa. [...]  
 Aonde hoje é o vinte e quatro horas seria então o atendimento médico dos funcionários da carbonífera, da família, o SESI. Então tinha médicos, tinha dentista, tudo era ali. [...]  
 Muitas vezes a mãe só levava a gente ali pra consultar, era tudo em função do SESI na realidade. Então a gente ia ali e marcava hora ou pegava número. E depois que surgiu o sindicato dos mineiros, que a gente passou então a usar também o sindicato dos mineiros, mas quando a gente era pequeno era tudo ali.

<sup>93</sup> COSTA, 1999, op. cit., p. 158.

<sup>94</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>95</sup> COSTA, 1999, op. cit., p. 159.

As doenças eram tratadas com remédio mesmo já, remédio de farmácia. Também tinha farmácia do SESI que a gente comprava os remédios. E que eu me lembre naquela época a gente tinha, eu tive, os meus irmãos, eu não tive sarampo, os meus dois irmãos tiveram sarampo, essas doenças de criança, sarampo, catapora, caxumba, gripe, coisas comuns.<sup>96</sup>

As freiras da Congregação das Irmãs da Divina Providência, a partir da iniciativa do Governo, para o projeto de disciplinarização das Vilas Operárias Catarinenses, foram convidadas para realizar um trabalho de reeducação das famílias operárias. Para tanto, deveriam manter um contato direto com a população.<sup>97</sup>

Antigamente eles tinham uma preocupação com as mulheres grávidas que ganhavam bebê, então a mãe ia lá ganhava o bebê, e isso era qualquer mulher da comunidade, aí levava uns dias, uma semana, aí aparecia uma kombi na casa da gente, tu não sabia quem era aquela kombi, eram as irmãs do Hospital São José, que vinham fazer as visitas para a mulher depois que ganhava o bebê. Elas vinham e faziam visitas, não sei se vinham trazer alguma coisa, ou fazer alguma orientação, eu não me lembro bem disso, porque era muito pequena, mas eu sei que elas vinham e a gente adorava quando elas chegavam na comunidade, aquelas irmãs tudo vestidinhas, às vezes vinham duas, três numa kombi, era interessante.<sup>98</sup>

Nesse primeiro momento, analisou-se as casas da Vila Operária, o entretenimento, a saúde, enfim, os serviços oferecidos pela carbonífera, e ainda as transformações que ocorreram na Vila devido aos projetos de modernização propostos pelo Governo à Região Carbonífera. A partir dessa análise pode-se iniciar a identificação do cotidiano da Vila Operária, que continuará sendo apresentada nos próximos subtítulos...

#### 4.3 ELAS LEMBRAM DOS NAMOROS E DOS CASAMENTOS

“Deus o livre se pegasse na mão!”<sup>99</sup>

Descrever os namoros e casamentos é uma parte importante do cotidiano da Vila Operária, pois é a partir daí que as famílias se formam, e todo um conjunto de paradigmas, concepções e práticas são envolvidos nas relações pessoais, dando assim definição aos mais variados tipos de família.

<sup>96</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>97</sup> COSTA, 1999, op. cit., p. 68.

<sup>98</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>99</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

Os espaços de encontros e namoros giravam em torno do salão de dança nas “domingueiras”, do futebol, do cinema no centro da cidade ou dos cinemas de algumas vilas operárias, das festas de casamento, festas de igreja e missas.<sup>100</sup>

Os namoros foram descritos durante as entrevistas, como momentos especiais, e em ambos os casos, o namoro aparece da mesma forma, com as mesmas regras, porém um pouco menos rígidas nas lembranças de Dona Sônia, já que as entrevistadas têm idades diferentes, e vivenciaram a fase do namoro em épocas distintas. Dona Norma lembra que o namoro dela com o seu marido, era assim: “ele lá na casa dele, e eu na minha casa, quando ele passava ali, às vezes a gente dava uma palavrinha um com o outro, mas não ia para dentro de casa”.<sup>101</sup> Já Dona Sônia ao falar sobre os namoros, mostra certa liberdade, liberdade essa que não havia no namoro de Dona Norma. Ela lembra que:

Não era que nem hoje, a gente não podia namorar tão novinha, tinha que esperar uma certa idade para namorar, e assim o namoro também era aquele namoro que a pessoa ia na casa e tinha horário para entrar, e tinha horário para sair, pelo menos lá em casa era assim. Não podia sair sozinha com o namorado de forma alguma, tinha que ser ali na sala onde todo mundo estava vendo. A gente nunca saiu assim sem a minha mãe, e sem o meu pai, é então, era assim.<sup>102</sup>

Quando se fala em casamentos, logo são lembrados os vestidos. “A dona Tomazia que fez o meu vestido de casamento. [...] Aqui em cima era tudo de nervurinha, pra lá e pra cá assim, preguinhas”.<sup>103</sup>

---

<sup>100</sup> CAROLA, 2002, op. cit., p. 154.

<sup>101</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>102</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>103</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.



Figura 07 – Casamento de Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski com Alcides Schaukoski<sup>104</sup>

Os casamentos são descritos por Dona Sônia a partir de sua organização: daí tinha os noivados, e depois os casamentos. Então eram feitas aquelas barracas de lona, no próprio cercado, do lado de casa, colocavam uma mesa cumprida lá, e as festas de casamento então eram ali, dessa forma.<sup>105</sup>

De forma geral, pode-se identificar a importância que o casamento desempenhava na Vila Operária, pois além de ser um evento social, que reunia as pessoas, também servia para acabar com a preocupação das famílias, quanto ao comportamento dos jovens, principalmente das meninas, para que essas não ficassem mal faladas, ou expostas aos comentários da comunidade. Motivo esse, que fazia os namoros serem tradicionais e antigados, pois quase não permitiam a convivência dos namorados. Sem falar ainda que em relação a atividade carbonífera, o casamento servia para o aumento de mão de obra, já que o marido ao se tornar homem após o casamento, tinha como obrigação sustentar sua esposa, e os filhos que fossem ter, precisando assim se submeter muitas vezes ao trabalho da mineração.

<sup>104</sup> Arquivo particular de Analia Bernadino Schaukoski.

<sup>105</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

Mas e a mulher, o que ela fazia antes e depois de se casar?

#### 4.4 ELAS ERAM ESCOLHEDEIRAS, ALMOCEIRAS E DONAS DE CASA

Durante os primeiros quarenta anos de mineração, as trabalhadoras estiveram presentes nas minas de carvão de Santa Catarina, desenvolvendo funções limitadas e condizentes com a suposta “natureza feminina”. Os empregadores definiam os empregos a partir das características “inerentes” a cada sexo, diferenciando “naturalmente” o salário para ambos. Assim, por exemplo, “as tarefas que requeriam dedos delicados e ágeis, paciência e perseverança, eram consideradas femininas, enquanto força muscular, velocidade e habilidade significavam masculinidade [...]”<sup>106</sup>

Como as minas não eram ainda mecanizadas, as trabalhadoras utilizavam instrumentos como, pás e picaretas, para a seleção e escolha do carvão, sendo até hoje reconhecidas como “escolhedeiras” de carvão.<sup>107</sup> Assim como Dona Norma, que lembra que:

Eu trabalhava na ponta da pedra, escolhendo carvão, que aí eles botavam o carvão aí a gente ia lá com a picaretinha e tirava o carvão e botava a pedra e o metal em outra caixa. Naquele tempo nem fichavam a gente porque não tinha idade, e eu trabalhava escondida lá porque se não eles não deixavam. O resto era tudo mais de idade, dezesseis, dezessete, dezoito.<sup>108</sup>

A produção e o pagamento das escolhedeiras eram definidos pela quantidade de padiolas de carvão escolhido, então quanto mais padiolas, maior seria o salário no final da semana ou mês, pois ganhavam por empreitada.<sup>109</sup> Dona Norma revela que:

Sabe o que eu fazia, eu trabalhava e tinha esse meu primo que era o Bernardo, daí eu dizia: tu me dá adiantamento, e tu diz para o pai que eu não trabalhei, porque ele tinha que dar conta para o meu pai, e para esse escriturário aqui, aí eu disse: Bernardo tu faz assim, aí então tá? Aí uma vez eu tirei adiantamento de oitenta cruzeiros nesse tempo. [...] O pagamento era por mês.<sup>110</sup>

Dona Norma trabalhava na escolha, muitas vezes escondida de seu pai que era capataz da mina. Isso porque além dele não aceitar algumas vezes que ela trabalhasse na mina, ele também pegava todo o dinheiro dela, quando sabia que ela havia trabalhado aquele

<sup>106</sup> SCOTT apud CAROLA, 2004, op. cit., p. 135.

<sup>107</sup> CAROLA, 2004, op. cit., p. 126.

<sup>108</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>109</sup> CAROLA, 2004, op. cit., p. 127.

<sup>110</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.



mês. Assim, ela precisava trabalhar escondida para receber algum dinheiro para comprar tecidos de seu gosto, sapato e alguns acessórios femininos. “Mas daí eu tinha que fazer aquela roupa tudo escondida, usar tudo escondida dele, para ele não perceber”. Ela lembra ainda que o pai, “comprava as coisas para nós, mas tinha que ver se nós tava precisando, se nós não estava precisando ele não comprava, só por necessidade mesmo”.<sup>111</sup>

Outra atividade que também era desenvolvida no cotidiano da Vila Operária, era o de almoceiras, ou seja, crianças que levavam o almoço todo dia para os mineiros. Muitas vezes essa atividade servia como trabalho de algumas crianças, que recebiam remuneração mensal do mineiro, mas na maioria das vezes eram os próprios filhos dos mineiros que levavam o alimento para o pai na mina. Dona Sônia conta que:

O mineiro ou pagava alguém ou era os filhos de mineiros que iam levar o almoço para eles. Não dava para ir até o poço onde eles estavam, então a gente ia até um determinado local onde passava um caminhão e a gente levava as panelinhas para eles de comida, e o caminhão passava onze horas, onze e meia por aí e pegava aqueles almoço então, e levava para eles até onde eles estavam. [...] Então eu é que levava o almoço para o meu pai. Isso foram anos e anos, até eu ficar mocinha. Naquela época não tinha perigo então a gente podia andar livremente por tudo, que não tinha problema.<sup>112</sup>

Contudo, identifica-se que além de escolhedeiras ou almoceiras, as mulheres desde pequenas, ainda desempenhavam o papel de donas de casa, ou seja, cuidavam da casa, da roupa, da alimentação, dos filhos, do marido, e ainda muitas vezes contribuía com a renda familiar, por meio da agricultura, como é o caso da mãe de Dona Norma, ou através da costura, como a mãe de Dona Sônia. Como se sabe os afazeres domésticos ocupavam um longo tempo das mulheres, já que as facilidades e conforto das máquinas, ainda não havia chegado aos lares da Vila Operária.

A partir das entrevistas orais, pode-se perceber que ambas desde crianças já cuidavam da casa, como forma de ajudar suas mães. Dona Norma lembra primeiramente do cuidado da casa em que morava com os seus pais: “Eu ficava limpando casa, lavando, naquele tempo lavava a casa, passava pano em tudo, esfregava tudo com palha de aço, tudo as coisas, tudo, bem caprichadinho”.<sup>113</sup> Após ela fala da casa em que morava depois de casada:

Eu era impulsiva, eu tinha uma mania muito grande, as mulheres diziam assim pra mim: essa mulher ou ela tem uma veia demais ou uma de menos. Deus o livre se, duas vezes por semana eu tinha que arear tudo aquelas panelas. A casa era um

<sup>111</sup> Ibid.

<sup>112</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>113</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

brilho, não encerava, era madeirinha de peroba e uma de canela, uma pretinha e uma branquinha. Nossa aquilo Deus o livre, aquilo era um brilho a minha casa. Eu queria tudo bem limpinho, e tudo organizadinho. [...]

É eu lavava a roupa na fonte, trazia e aí tinha o meu arame assim atrás de casa, trazia naquele tempo, num balaio. Primeiro forrava bem forradinho com a roupa mais velha assim, pra botar as roupas brancas tudo dobradinha, trazia e estendia tudo em casa. [...]

Minha vida era carregar lenha do mato aí, eu ia lá nos mato trazer aqueles feixe de lenha. Na sexta-feira que aí até segunda a gente naquele tempo não lavava roupa, não fazia nada. Sábado e domingo era sagrado, só sábado que a gente limpava a casa assim, e aí a gente ia carregar lenha. Tinha essas tora de raiz de mato assim que as árvores caíam, eu pegava o machado e tirava tudo de achinha, tudo, tudo, eu cortava tudo aquela lenha, e trazia tudo para casa.<sup>114</sup>

### Quanto à alimentação Dona Sônia recorda que:

Nossa alimentação era boa, porque, o meu pai apesar de trabalhar na mina, mas ele sempre que chegava em casa, porque naquela época que ele trabalhava em cima da mina, então ele fazia um horário assim de trabalhar o dia todo, depois que ele passou a trabalhar na mina ele chegava em casa três horas da tarde, às vezes quatro horas então ainda dava tempo, ou às vezes trabalhava a noite. Então ele chegava em casa como o terreno que ele comprou era grande. [...] Então ele chegava em casa e ele sempre teve os canteiros dele, então as verduras dele, então ele colhia tudo dali, a era feijão de vagem, tomate, tudo que tu imagina ele colhia ali, ele era muito caprichoso assim, as saladas, e ele tinha uma parreira de uva muito grande, ele gostava assim de frutas, ele plantava tudo. Na época tu podia criar galinha em casa, então tinha um cercadinho separado, ele criava umas galinhas, e quando a gente queria ele deixava essas galinhas um tempo presas ali, aí depois a mãe matava. Então nossos almoços de domingo era geralmente galinha caipira ensopada assim, com polenta, com outras coisas.<sup>115</sup>

Dessa forma, embora a lógica da industrialização buscasse incorporar padrões “modernos” de vida na Vila Operária, a relação das pessoas com o modo de vida rural ainda era muito forte. Essas relações atingiam a alimentação, na medida do possível, através da criação de animais domésticos e da plantação de hortas, quando a pirita não tomava conta de todo o solo.<sup>116</sup>

Dona Norma ao ser questionada em relação à alimentação de sua família, diz que nunca faltou comida em sua casa, mas imediatamente lembra-se de alguns vizinhos que passavam por necessidades:

Tinha, que muitas às vezes a gente ajudava, como tinha a dona Mariquinha do seu Zé, que era mais pobre do que a gente. Ele ganhava bem mas aí quando ela veio pra

<sup>114</sup> Ibid.

<sup>115</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>116</sup> COSTA, Marli de Oliveira. A Nutrição nas Vilas Operárias Mineiras. In: FILHO, Alcides Goularti (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004, p. 121.

ali que ele ganhava bem, antes ela era bem pobre, não tinha nada, nem nada dentro de casa assim não tinha.<sup>117</sup>

Provavelmente esse não era o único caso, visto que muitas pessoas iam para a Vila Operária, ou seja, iam trabalhar na atividade carbonífera devido à remuneração e as facilidades que recebiam, como por exemplo, a moradia, já que em muitas vezes, essas famílias não possuíam nada. Sem falar ainda, que se tratava de uma profissão que trazia certo status ao homem, uma vez que era bastante divulgada pelos jornais, e reconhecida como a propulsora do progresso para a região.

Em respeito à renda familiar mineira, percebe-se que na maioria das vezes as mulheres não trabalhavam fora de casa para ajudar seus maridos. Algumas mulheres contribuía com a renda familiar por meio de atividades desenvolvidas dentro do ambiente familiar, sendo essa uma estratégia de se conciliar o trabalho rentável e o do lar, como o cuidado dos filhos. Como Dona Sônia revela:

A minha mãe sempre foi dona de casa e ela ajudava o meu pai assim. Na época tinha umas facção que dava camisas para fazer em casa, para colocar gola, para colocar bolso, punho, essas coisas, então ela ajudava o meu pai dessa forma. Essa fábrica de camisas trazia então essas roupas e ela costurava em casa, que daí ela costurava e cuidava da gente, nunca saiu para trabalhar.<sup>118</sup>

Assim, Dona Sônia sendo mais nova que a Dona Norma, vivenciou ainda e muito a mulher somente dentro de casa, o que remete a ideia de que o trabalho das mulheres não se modificou por um longo tempo. Ela ainda ressalta,

Que eu me lembre naquela época as mães não trabalhavam, aquelas que faziam alguma coisa, faziam alguma coisa em casa para ajudar os maridos, como a minha mãe. Eu não ouvia falar assim de mãe que deixasse os filhos e fosse trabalhar, elas eram realmente donas de casa, elas ficavam em casa cuidando dos filhos, fazendo comida para mandar para mina para o marido entendeu. Que eu me lembro era assim.<sup>119</sup>

Nessa perspectiva, entende-se que no início da exploração do carvão, toda a família era envolvida na mineração. Ora por meio da extração, trabalho dos homens, ora por meio da escolha, trabalho de algumas mulheres, pelo menos quando eram solteiras, ou da alimentação dos mineiros, trabalho em especial das crianças almoceiras. Assim através das atividades dentro ou fora da mina, toda a família estava envolvida com a mineração, como o trabalho das

<sup>117</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>118</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>119</sup> Ibid.

mulheres que garantia na maior parte do tempo o funcionamento dos lares<sup>120</sup>, e da própria atividade carbonífera.

Mas cada um, o homem, a mulher e a criança desempenhava o seu papel no cotidiano da Vila Operária. Isso as protagonistas vão revelar a seguir...

#### 4.5 ELAS FALAM SOBRE A PRESENÇA DOS HOMENS, DAS MULHERES E DAS CRIANÇAS

A mineradora se situava no centro do ambiente de moradia e exercia um papel de provedora da vida das famílias.<sup>121</sup>

A partir dessa perspectiva, confirma-se a importância que a mineração possuía na vida das famílias mineiras, não somente por lhes dar o sustento e a moradia, mas também por delimitar o papel social que cada integrante da família desempenhava dentro da atividade carbonífera e da Vila Operária Próspera.

As mulheres, sempre às voltas com as lidas domésticas; os homens, ocupados com o trabalho na mina – situação que demarca a divisão sexual do trabalho na organização das famílias, acentuando no século XIX, onde “cada sexo tem sua função, seus papéis. Suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados”.<sup>122</sup>

A média de filhos, segundo Dona Sônia, “era de dois a quatro filhos, mais ou menos, que eu me lembre. É claro que tinha umas famílias lá que tinha uma montoeira de filhos, mas era uma raridade”.<sup>123</sup> Essas crianças circulavam por todo o espaço, brincando, ajudando as mães e algumas estudando. Assim como lembra Dona Sônia:

As crianças quando não estavam na escola, estavam em casa brincando, claro que na época, como eu te disse a gente saía para brincar com os coleguinhas, brincava no meio de matinhos baixinhos, meninos e meninas, e ninguém tinha maldade, e era uma brincadeira sadia. A gente brincava de roda, a gente brincava de futebol, a gente brincava de tudo, que eu acho mais saudável do que hoje vídeo game, do que essas coisas entendeu. É porque a gente brincava muito na rua assim, a gente era bem sadio, e tinha claro, daí bastante coleguinha, porque cada casa tinha duas, três crianças né por ali, e a gente era tudo bem amiguinho assim, ia para escola todo mundo, na mesma escola, porque só tinha aquela, e brincava assim, os nossos

<sup>120</sup> BERNARDO, Roseli; COSTA, Marli de Oliveira; OSTETTO, Lucy Cristina. A Casa e a Vila: A família operária e a moradia na Região Carbonífera, 1913-1930. In: FILHO, Alcides Goularti (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004, p. 111.

<sup>121</sup> COSTA, 1999, op. cit., p. 156-157.

<sup>122</sup> PERROT apud COSTA, 1999, op. cit., p. 100.

<sup>123</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

domingos eram assim, depois que vinha da missa podia brincar, e almoçava, ia brincar de novo, era assim.<sup>124</sup>

Logo, a rua garantia as crianças um universo de múltiplas relações, que iam desde brincadeiras até atividades remuneradas, de contatos com outras crianças e contatos com adultos.<sup>125</sup>

Sobre a educação das crianças, ambas as entrevistadas estudaram, assim como seus irmãos. Dona Norma não falou muito sobre a escola, somente que essa era longe de sua casa, e revelou que: “Estudei só até o terceiro ano. Meu pai não deixou mais eu ir, só tinha que aprender a ler e a escrever e pronto, e trabalhar”.<sup>126</sup> Enquanto isso, seu único irmão homem estimulado financeiramente pelo pai, seguiu com os estudos, chegando até mesmo a cursar faculdade nos Estados Unidos. O que remete a ideia de que o homem podia prosseguir com os estudos, diferentemente das mulheres, que deviam aprender e estar aptas para o trabalho doméstico. Já Dona Sônia, contou que ela e seus irmãos estudaram na Escola Heriberto Hülse, na Próspera mesmo, e recordou ainda da existência de um jardim de infância:

Outra coisa que tinha ali também, que hoje ainda tem, é também ali no ginásio, que se concentra tudo ali, o ginásio da Próspera. Se tu observar ali naquela pracinha que tem aquela máquina ali, tipo um trenzinho, então ali tem até hoje uma creche, hoje é uma creche, antigamente era o jardim de infância da carbonífera Próspera. Então o meu irmão, eu não estudei lá, mas o meu irmão ficou de quatro anos até a idade escolar, sete anos na época ali, fez formatura tudo certinho, a minha irmã também. Os dois então, eu ia levar eles lá, porque naquela época criança andava não tinha perigo, a gente ia pelos trilhos, então o meu irmão e a minha irmã são formados de jardim de infância ali, porque também era tudo da companhia Próspera, porque era uma grandeza, a mineradora, a companhia Próspera na época.<sup>127</sup>

Sobre a continuidade dos estudos, e a procura por emprego, Dona Sônia disse que: “geralmente a gente terminava o primeiro grau, a oitava série, e já ia arrumar um trabalhinho para ajudar em casa, para fazer qualquer coisa. [...] Mais as minhas colegas tudo, a maioria fez o segundo grau primeiro”.<sup>128</sup> Assim, nota-se que algumas mulheres preocupavam-se com os estudos, e com suas respectivas formações educacionais.

As entrevistas orais, além de proporcionarem maior conhecimento quanto ao cotidiano da Vila Operária, também ajudaram na compreensão a respeito das mudanças que foram ocorrendo nos paradigmas e relações sociais. No entanto, mesmo com a diferença de

<sup>124</sup> Ibid.

<sup>125</sup> COSTA, 1999, op. cit., p.163.

<sup>126</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>127</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>128</sup> Ibid.

idade entre as entrevistadas, pode-se perceber que em alguns aspectos sociais, as mudanças não foram significativas, principalmente quanto o papel do homem e da mulher.

Dona Sônia ao ser questionada sobre essa delimitação de papéis entre os homens e as mulheres, foi bastante objetiva:

O papel do homem era sair, trabalhar, trazer o dinheiro para casa e pagar as contas. E o da mulher era de ficar em casa, cuidar dos filhos, cuidar da casa. Era muito raro tu saber uma pessoa que trabalhava, uma mulher que trabalhava fora de casa, os papéis eram assim, a mulher cuidar da casa e da família e o homem para o trabalho.<sup>129</sup>

Ela ainda esboçou a sua opinião a respeito da mulher trabalhar fora de casa: “É hoje em dia, na minha opinião, houve uma falência da família, quando as mulheres começaram a sair para trabalhar e deixar os filhos sozinhos em casa, então eu penso dessa forma.”<sup>130</sup> Sendo assim, acredita-se que conforme Bosi: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.<sup>131</sup>

O homem na Vila Operária, além de trabalhar na mina, também aparece nas entrevistas como o comprador daquilo que a família precisava, como tecidos, roupas, sapatos e utensílios para casa. Como no exemplo a seguir:

Tinha o comércio de Criciúma, que tinha aquelas lojas grandes, antigas, tipo a Londres, Imperial, Casa Nova, e a Loja Oliveira. O meu pai tinha ficha antigamente nessas lojas assim, então as roupas ele fazia assim, ele tinha que se programar, que mineiro não ganhava muito bem, então ele tinha que se programar com o salário dele para a nossa alimentação, para passar o mês inteiro. Então ele não podia comprar roupa todo mês, ou de vez em quando ir lá e comprar, então ele fazia assim, uma vez por ano, geralmente próximo ao natal, a mãe ia no centro com a gente, daí ele comprava roupas para nós todos, para a mãe, para o pai, para os filhos. E fazia uma compra grande só, e aí então ele dividia claro as parcelas e ficava pagando. Ele comprava roupa uma vez por ano e calçado uma vez por ano para todo mundo.<sup>132</sup>

Dona Norma, lembra de quando o seu pai ia fazer compras para a família:

O meu pai comprava. Se ele ia lá na loja comprar uma fazenda se ele comprava azul, era tudo azul, eu a mãe, o Pedro e a Maria tudo azul, tudo igual. Se ele ia lá na loja comprar um sapato ou um chinelo, uma coisa assim, tudo igual”.<sup>133</sup>

<sup>129</sup> Ibid.

<sup>130</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>131</sup> BOSI, 2001, op. cit., p. 55.

<sup>132</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>133</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

A partir dessas recordações, além de identificar o homem como o comprador, e pagador das contas, mesmo tendo certa ajuda de suas esposas, também se pode identificar as transformações e o crescimento do comércio de Criciúma, pois o pai de Dona Norma comprava somente tecidos, enquanto o pai de Dona Sônia já comprava as roupas prontas nas lojas, por meio das fichas e de prestações. Dona Norma só foi comprar roupas prontas, “depois que casei, nós dois comprava as coisas. Aí já vinha coisinha pronta, roupinha de neném já vinha prontinha que a gente já ia lá, no centro e já escolhia alguma roupinha para comprar, não era só aquelas camisetinhas de meia, aí já tinha outras coisinha”.<sup>134</sup>

Dona Sônia ressalta ainda a importância da mineração:

Quando eu era criança a mineração tava no auge ainda. A maioria dos pais trabalhavam mesmo na mineração, era muito forte, eles mandavam praticamente em tudo na cidade, o comércio acho, naquela época vivia dos mineiros, que iam lá e compravam, era muito forte mesmo a mineração aqui.<sup>135</sup>

Como observado, na Vila Operária Próspera toda a família participava do cotidiano da atividade carbonífera, desempenhando diferentes papéis e tarefas, que se faziam indispensáveis para a ordem social e econômica. Pois ao passo que cada um desenvolvia corretamente as tarefas que lhes eram destinadas, contribuía com a rotina da Vila Operária, e ainda mais com a Companhia Carbonífera, que assim certificava-se do controle que detinha sobre o seu operariado.

No entanto, havia no cotidiano da Vila Operária Próspera afazeres que eram censurados às mulheres, ou seja, elas eram impedidas de fazer, por serem consideradas impróprias para o sexo feminino.

Tal censura será apresentada e analisada a seguir...

#### 4.6 ELAS FALAM DOS CÓDIGOS SOCIAIS

No cotidiano da Vila Operária Próspera, cada integrante da família possuía uma função específica. A mulher era responsável pelo cuidado da casa e da família, assim para ajudar seu marido com as despesas da família, precisava conciliar as duas atividades: casa e trabalho, realizando assim na maioria das vezes as atividades rentáveis dentro do âmbito

---

<sup>134</sup> Ibid.

<sup>135</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

familiar, como lavar roupas para fora, costurar, ou bordar. Mas as atividades domésticas sempre eram da responsabilidade das mulheres.<sup>136</sup> Para Dona Sônia:

Na época acho que as mulheres elas não tinham ainda assim, não queriam ainda essa igualdade que nem tem hoje, que mulher quer sair para a rua e trabalhar igual homem, quer ganhar o seu dinheiro também assim entendeu. Eu acho que na época elas gostavam de, elas tinham prazer de ficar em casa, cuidar dos filhos, cuidar da casa, cuidar da família, não tinha assim essa correria atrás do dinheiro, elas viviam do jeito que dava, para a família, eu acho que era assim.<sup>137</sup>

A Vila foi um espaço de conhecimento mútuo, onde todas as pessoas se conhecem. Nesse sentido, o cotidiano na Vila Operária, principalmente o das mulheres era regido por códigos, que as designavam tanto tarefas, como um conjunto de regras e regulamentos de postura social, que por muitas vezes as impediam de participar de algumas práticas cotidianas da Vila. As mulheres, por exemplo, muitas vezes não podiam ir para rua conversar com os vizinhos, trabalhar fora, frequentar o bar, andar com roupas decotadas, enfim, a vida da mulher, diferentemente do homem, era repleta de cuidados e peculiaridades, a fim de que a mulher não ficasse mal falada perante a sociedade. Assim, como recorda Dona Norma:

Andar de decote dessas coisas assim, isso tudo aí isso eles não andavam não. Não podia, porque se andava assim já era mulher sem vergonha. [...] As mulher tudo andava tudo bem pronta, tudo assim, mas a roupa decente, não era roupa indecente, Deus o livre de andar decotada assim meu pai me batia, Deus o livre.<sup>138</sup>

Dona Sônia ao lembrar-se daquela época, também faz um comparativo com a mulher dos dias atuais:

É mulher não podia, por exemplo, não podia frequentar barzinho, hoje a mulher frequenta, jamais tu ia ver num bar, por exemplo, uma mulher jogando sinuca, hoje em dia as mulheres vão e jogam sinuca, as mulheres de antigamente, na época da minha mãe pelo menos nunca saiam sozinha pra fazer um programa sozinha, tipo se encontrar com as amigas, essas coisas não acontecia. Hoje não, hoje a gente, eu mesmo faço isso, a gente sai, tem um grupo de amigas, a vamos fazer tal coisa, vamos numa pizzaria, vamos em tal lugar, vamos, vamos fazer um café, vamos. Antigamente não tinha, essas coisas não tinha, então tinham coisas que o homem podia fazer e a mulher não podia fazer.<sup>139</sup>

As pessoas na vila se olhavam, se espiavam, desconfiavam, comparavam suas vidas e seus hábitos frente àqueles que habitavam o mesmo espaço, pois a prática do bairro é uma

<sup>136</sup> COSTA, 1999, op. cit., p. 100.

<sup>137</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>138</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>139</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.



convenção coletiva tácita, não escrita, mas legível, por todos os usuários através dos códigos da linguagem e do comportamento.<sup>140</sup> No entanto, Dona Sônia afirma que, “ali naquele nosso bairro, onde a gente morava não tinha isso, que nem tem em outras operárias, de assim mulheres uma na casa da outra, comentando coisas, conversando [...]”.<sup>141</sup>

Durante as entrevistas orais, chamou-se bastante a atenção para a infidelidade dos homens da Vila Operária, que segundo as mulheres entrevistadas era comum no cotidiano familiar. Dona Norma, por exemplo, conviveu com a infidelidade de seu pai, e depois do seu marido, que fazia parte de um grupo musical, e era assim um “homem da noite”. Segundo ela: “Eles faziam tudo escondidinho, era bonito para eles”.<sup>142</sup>

Nessa perspectiva, tenta-se compreender porque as mulheres ao invés de aceitar, não tentavam reverter essa situação, mas levando em conta a época em que viviam, e ainda os códigos sociais vigentes na Vila, percebe-se que essas mulheres não possuíam perspectivas de mudança, devido a falta de instrução, e até mesmo de oportunidades na sociedade, visto que elas eram desde pequenas instruídas pelos pais aos afazeres domésticos, e à obediência ao marido, e não ao trabalho fora de casa, não possuindo assim uma atividade rentável capaz de oferecer sustento a ela e aos seus filhos, caso decidisse se separar de seu marido. “Ia para onde? [...] O que adiantava brigar, não podia separar, já tinha os filhos para criar, aí separa, se ainda tivesse um serviço que, depois de velha, que ir embora pode ir [...] Serviço ainda que eu pudesse trabalhar, que eu pudesse ganhar pra mim [...]”.<sup>143</sup>

Sem falar ainda, no julgamento que mulheres separadas sofriam pela sociedade, sendo na maioria das vezes obrigadas a voltar para a casa dos pais para que não sofressem discriminação pela comunidade, sem falar ainda, no fator econômico, já que essas mulheres não tinham como se sustentar. Como conta Dona Sônia:

Eu fui a primeira pessoa que se separou da minha família [...] foi um escândalo, assim sabe, eles depois aceitaram normal, mas aquela coisa assim de tu sair na rua, e tu ver que a vizinha tava te cuidando para ver se tu tava mesmo indo para o trabalho, aonde tu tava indo, essas coisas sabe, e de tu às vezes ter contato com alguma pessoa, algum moço e ele dizer: é muito bonita, mas não casa, Deus o livre, tem filho, essas coisas entendeu. [...] então assim tinha bastante preconceito. [...] Eu casei a primeira vez com dezessete anos, fiquei três anos casada e tive a Michele com vinte, e aí depois então me separei, voltei para a casa dos meus pais, e fiquei morando com eles mais nove anos. [...] na condição de eu trabalhar, e a mãe cuidar da Michele para mim, e também na condição de me comportar como eu me

<sup>140</sup> MAYOL apud COSTA, 1999, op. cit., p. 115.

<sup>141</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>142</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>143</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

comportava antes de casar a primeira vez, tinha que respeitar muito, não podia sair para dançar, não podia sair sozinha, não podia fazer nada, então eu aceitei as regras deles, e voltei para casa. [...] Depois de nove anos então eu conheci esse meu marido atual.<sup>144</sup>

No entanto, há certa diferença entre o que conta Dona Sônia, e Dona Norma, uma vez que ela lembra que as mulheres separadas tinham que ficar trancadas em casa, sem nem ao menos trabalhar. Mas como se sabe ambas as entrevistas viveram em épocas distintas, o que remete a ideia, de que a condição de mulher separada passou por algumas modificações ao longo dos anos na Vila Operária. Dona Norma diz que:

Naquele tempo eles não mandavam embora, eles prendiam elas em casa, e vão ficar aí até quando vocês, se achar que são mulher, e o filho já tinha que tá grande, para elas poder sair de dentro de casa. Elas nem trabalhavam, não iam em lugar nenhum. [...] Credo Deus o livre, se iam em alguma festa, alguma coisa, aí nossa. Por isso que os pais aguentavam dentro de casa, não deixava sair.<sup>145</sup>

Logo, percebe-se que mesmo com certas mudanças nos paradigmas em relação à mulher separada, em ambos os casos, elas são discriminadas pela sociedade. Eventualmente, a mulher era obrigada a aceitar a infidelidade de seu marido, já que essa era a única alternativa, visto que a mulher não possuía perspectiva de se separar e melhorar a sua condição de vida, já que era levada novamente ao cuidado de seus pais, ou seja, se separar não era sinônimo de liberdade, social, intelectual, financeira ou de expressão. A mulher tanto na casa do marido, como na casa do pai, seria exposta às regras de conduta social.

---

<sup>144</sup> Sônia Alves. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

<sup>145</sup> Maria Norma Analia Bernadino Schaukoski. Entrevista citada, 2013. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A invisibilidade da mulher como sujeito histórico se faz presente na historiografia regional, da mesma forma como o conceito de classe trabalhadora mineira, é inexistente em muitas obras, devido à abordagem econômica, que se remete somente à ideologia do progresso. No entanto, compreende-se que a História do mundo do carvão não pode ser mais interpretada somente pela ótica empresarial, política, ou econômica, mas sim interpretada de maneira social, em que não valorize somente o homem e sua força, mas também a mulher e a sua presença.

Certamente, a relação homem x mulher podem trazer mais conhecimentos e novas perspectivas do que se pode imaginar, contribuindo com novos estudos e pesquisas, que abordem a Nova História e suas concepções, principalmente as que valorizem as minorias e o seu papel perante a História.

A presente pesquisa buscou assim valorizar as memórias femininas como forma de registrar a História da cidade de Criciúma, por meio de entrevistas orais, que permitiram o conhecimento do cotidiano da Vila Operária Próspera, a partir das relações de gênero por elas lembradas.

Através das entrevistas, foi possível identificar os elementos que indicam a ocorrência da delimitação de papéis entre homens e mulheres dentro da Vila Operária, exclusão das mulheres de algumas práticas cotidianas, e principalmente a existência de regras de conduta social, as quais somente as mulheres eram expostas e submetidas a obedecer, para que não fossem julgadas ou discriminadas pela sociedade.

Com esta pesquisa, pode-se reconhecer e dar visibilidade a mulher na perspectiva de dona de casa, como aquela que deveria ficar disposta a cuidar do marido e dos filhos, ou seja, zelar pelo bem estar de sua família, sendo assim controlada tanto pelo marido, como pela comunidade, que na maioria das vezes ditava e fazia cumprir as normas da boa conduta.

No entanto, apesar de serem vistas nessa perspectiva, a presença feminina pode ser percebida nitidamente, pois foram as mulheres, que sem dúvida alguma organizaram e mantiveram as famílias mineiras, no espaço da Vila Operária Próspera, contribuindo de certa forma com o controle que a mineradora exercia sobre o operariado, já que a mulher ao cumprir e preocupar-se com os códigos sociais garantia a ordem e o bom andamento das práticas cotidianas.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Sônia. **Depoimento** [Nov. 2013]. Criciúma. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira. 1 arquivo, mp3 (80 min).
- BARROS, José D' Assunção. **O Campo da História: Especialidades e Abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 224 p.
- BELOLLI, Mário; QUADROS, Joice; GUIDI, Ayser. **A História do Carvão de Santa Catarina**. Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002. 300 p.
- BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar: Vilas Operárias na cidade de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1985. 332 p.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 484 p.
- BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004. 127 p.
- BURKE, Peter (org). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. 354 p.
- \_\_\_\_\_. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 318 p.
- CANÊDO, Leticia Bicalho. **A Revolução Industrial**. 13. ed. São Paulo: Atual, 2009. 92 p.
- CAROLA, Carlos Renato. **Dos Subterrâneos da História: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. 262 p.
- \_\_\_\_\_. **Assistência Médica, Saúde Pública e o Processo Modernizador da Região Carbonífera de Santa Catarina (1930-1963)**. 2004. 358 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luci; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano: Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 376 p.
- COSTA, Marli de Oliveira. **“Artes de Viver”**: Reciclando e Reinventando Espaços – Memórias das Famílias da Vila Operária Mineira Próspera Criciúma (1945-1961). 1999. 206 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- \_\_\_\_\_. **Infância e Educação: A Experiência da Vila Operária Mineira Próspera em Criciúma SC: 1945-1961**. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação, 2004, Curitiba. **Anais: A Educação Escolar em Perspectiva Histórica**, 2004. v.1. 13 p.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. **Cotidiano de trabalhadores na República: São Paulo - 1889/1940**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990. 77 p.

DENSKI, Maris. **A Construção do Espaço Urbano de Criciúma 1975-1985**. 1997. 37 f. Monografia (Especialização em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. 264 p.

FILHO, Alcides Goularti (org). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2004. 394 p.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. 500 p.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra Filosofia, 1992. 121 p.

HUNT, Lynn. (Org.) **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 317 p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 1998. 86 p.

MIRANDA, Antonio Luiz. A Constituição do Espaço Urbano no Sul de Santa Catarina através das vilas operárias do setor carbonífero na primeira metade do século XX: Habitação, controle e modos de vida. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais eletrônicos**. Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0037.pdf>> Acesso em: 21 jul. 2013. 13 p.

NASCIMENTO, Dorval do. **As curvas do trem: a presença da Estrada de Ferro no Sul de Santa Catarina (1880-1975) cidade, modernidade e vida urbana**. Criciúma: UNESC, 2004. 184 p.

\_\_\_\_\_. **Faces da Urbe: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma/SC (1945-1980)**. São Luís: Café & Lápis; Criciúma: EDIUNESC, 2012. 176 p.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 209 p.

SCHAUKOSKI, Maria Norma Anália Bernadino. **Depoimento** [out. 2013]. Criciúma. Entrevista concedida a Verônica Ferreira Teixeira. 1 arquivo, mp3 (90 min).

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil para Análise Histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. 439 p.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. **Revista Artémis**, João Pessoa, v. 8, p. 110-117, jun. 2008.

TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Insular, 1996. 241 p.

VIANNA, Mônica Peixoto. **Habitação e modos de vida em vilas operárias**. 2004. 32 f. Monografia (Disc. Habitação, Metrópole, Modos de Vida). Universidade de São Paulo, São Paulo.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **A Pirita Humana: os mineiros de Criciúma**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984. 159 p.

\_\_\_\_\_. **Vidas Marcadas: trabalhadores do carvão**. Tubarão: Ed. Unisul, 2001. 213 p.